Vinte anos depois do 11/9, o terror ainda não foi vencido
ISTOÉ
O BRASIL CONTRA BOLSONARO
BASTA!
É A HORA DO IMPEACHMENT
O País precisa de uma união histórica das forças políticas para garantir a democracia. O presidente queimou todas as chances de diálogo no Sete de Setembro e deixou claro que caminha rumo ao golpe

ENTREVISTA

ALESSANDRO VIEIRA

Senador

O delegado Alessandro Vieira pensava que a sua carreira profissional não tinha força suficiente para promover todas as mudanças que ele pretendia à sociedade. Por isso, em 2018 se lançou candidato ao Senado. A ambiciosa tarefa obteve êxito e ele foi eleito pelo estado de Sergipe. Com a instalação da CPI da Covid, Vieira se tornou um integrante indispensável por conta da experiência em interrogatórios. O destaque impulsionou o senador para voos mais altos e ele coloca seu nome para a disputa presidencial por seu partido, o Cidadania. Vieira falou à ISTOÉ sobre a CPI e a retomada econômica. Ele participa da articulação para o lançamento de um candidato da terceira via e avisa que não há saída para retomada econômica enquanto o presidente Bolsonaro não for afastado da Presidência e defende o impeachment.

Por Eudes Lima

PRESIDENCIÁVEL
O senador Alessandro Vieira participa das articulações para encontrar um nome de consenso para a terceira via

"IMPEACHMENT É A SAÍDA PARA CONTER O GOLPE DE BOLSONARO"

FOTOS: SÉRGIO LIMA/PODER 360; EVARISTO SÁ/AFP

Como reagir aos ataques à democracia praticados por Bolsonaro?
Esclarecendo as pessoas que ditadura não é uma solução. Não há nenhuma vantagem para o povo que fique submetido ao autoritarismo. E, ao mesmo tempo, trabalhando para fortalecer as instituições. Bolsonaro quer normalizar os absurdos. Na semana passada, por exemplo, eu oficiei ao TSE para que apure sobre a conduta do presidente de campanha antecipada em horário de expediente.

Como o senhor avalia os atos de Sete de Setembro?
O presidente continua cometendo crimes de responsabilidade, principalmente quando ameaça não cumprir ordens do STF. A única alternativa é a abertura de um processo de impeachment. Bolsonaro investe num golpe para poder esconder seus crimes e da sua família.

"Ninguém acredita que o Paulo Guedes seja capaz de entregar um bom projeto de estruturação econômica e de fazer a negociação necessária para aprová-lo"

Houve corrupção na compra de vacinas no governo?
Sim. Os indícios são muito fortes nesse sentido e lembrando que o crime de corrupção se configura com o simples pedido de propina. A estrutura de contratos deixou muito evidente quando se tentou forçar preços para cima e, assim, deixar margem para que a corrupção acontecesse.

O presidente atrapalhou o combate à pandemia?
A CPI da Covid vem demonstrando o quanto o presidente, deliberadamente, impactou de forma negativa no combate ao coronavírus. Além da ignorância arraigada, hoje sabemos que interesses econômicos retardaram a compra da vacina e dificultaram uma campanha de esclarecimento da população. É muito claro o dano que Bolsonaro causou e, na minha visão, é imperdoável, porque as vidas perdidas não retornam.

A família Bolsonaro está envolvida com escândalos das rachadinhas. Até quando esses crimes vão continuar?
Enquanto não houver uma punição, haverá uma repetição das condutas. Também cabe ao eleitor acompanhar e fiscalizar o trabalho dos seus representantes. Temos parlamentares, como foi o caso do deputado Jair Bolsonaro e como hoje acontece com os filhos, que são profundamente improdutivos. As rachadinhas eram de conhecimento das autoridades, mas pouquíssimas providências foram tomadas. E isso explica porque as coisas no Brasil não dão certo.

Como é o trabalho do presidente?
Bolsonaro é o presidente da República que menos trabalha na história do Brasil. Ele emprega a maior parte do seu tempo em atividades de pré-campanha ou de diversão pessoal. Isso é ostensivo. Você não tem notícia dele em reuniões para resolver problemas concretos da população. As reformas administrativa ou tributária mudam a vida das pessoas, no entanto, o presidente não tem sequer uma opinião.

Porque o senhor pediu a convocação da ex-mulher do Bolsonaro, Ana Cristina Valle?
Há mensagens eletrônicas que podem explicar o padrão de vida incompatível dela. Os diálogos revelam que Ana Cristina Valle exerceu influência dentro do Palácio do Planalto a favor do lobista Marconny Faria, da Precisa Medicamentos.

Quais os crimes já apurados na CPI da Covid?
O principal crime foi contra a saúde pública, da mesma forma que houve crime de responsabilidade, à medida que o presidente, por escolha pessoal, negou ao brasileiro o acesso à saúde. Bolsonaro decidiu que o problema não era tão grave ou que politicamente era melhor que as pessoas se contaminassem para que a economia não impactasse tanto.

Os atos de Bolsonaro no Sete de Setembro mostram que o governo acabou?
A pandemia tornou mais evidente os erros. Não existe um projeto de Brasil. Existe um arremedo de medidas econômicas. Na educação e saúde não se tem nada. A cultura está sucateada. Eu fiz campanha para a Marina e declarei voto no Bolsonaro no segundo turno. Na declaração de voto eu já apontava que ele apresentava uma aparente falta de preparo e da manifestação autoritária, que se confirmaram. Eu me arrependo ter votado em Bolsonaro porque subestimei o quanto os defeitos dele podiam impactar em seu governo. Eu imaginei que o entorno ajudaria no controle dos excessos e alinhariam num governo mais normal. Mas isso não aconteceu. Bolsonaro engoliu os seus ministérios, inclusive as Forças Armadas e transformou o governo em um amontoado sem condução lógica.

Quais as reformas que ainda podem acontecer?
Nós tivemos apenas a reforma previdenciária, que já vinha >>

de uma análise de dois anos do governo anterior. De lá pra cá ficou claro que o ministro Paulo Guedes não tem projeto de reformas e nunca teve. Não há dúvida de que nós precisamos ter, com urgência, as reformas tributária e administrativa, além da política. É preciso ter consistência para se ter um governo que não passe pelo fisiologismo escancarado e por um abuso de acesso ao orçamento por meio de emendas. Mas não vejo menor viabilidade no governo Bolsonaro.

Há motivação para novos investimentos no País?
É cada vez menor. Ninguém acredita que Paulo Guedes seja capaz de entregar um bom projeto de estruturação econômica e de fazer a negociação necessária para aprová-lo. Esse governo simplifica negativamente as coisas. Se imagina que negociar no Congresso seja comprar votos ou distribuir emendas e cargos. Não é isso. Você tem que ter a discussão para comprovar que a sua proposta é a melhor, que a vida das pessoas vai melhorar. Na atividade econômica e industrial é muito claro que você não tem uma estabilidade e um incentivo para que se busque maior produtividade e competitividade.

O que fazer para enfrentar a crise econômica do País?
Primeiro, criar uma política de transferência de renda. As pessoas precisam ter a garantia de que não vão morrer de fome. Hoje, temos mais de 20 milhões de brasileiros em situação extremamente precária. Isso passa pela definição do Programa Bolsa Família. Mas tem que ser uma reforma responsável fiscalmente, com fontes de financiamento bem identificadas e que permitam a expansão do atendimento sem criar coisas mirabolantes ou populistas. Depois disso, você tem que ter uma política que permita que o mercado de força empregadora se movimente sem ser atrapalhado pelo governo. Falo da reforma tributária e de uma legislação que permita acelerar toda a parte burocrática que é extremamente lenta no Brasil.

O senhor é delegado em Sergipe. Como avalia os decretos que facilitam a compra de armas?
Eu apresentei à Comissão de Constituição e Justiça, uma sugestão que atendesse a expectativa do cidadão de ter arma para defesa, mas que isso não invada a esfera de proteção coletiva. Mas Bolsonaro causou um tumulto no legislativo com dezenas de decretos e uma onda de desinformação. O Congresso precisa discutir o tema. Não dá para ter armas circulando de maneira que se coloque em risco a coletividade.

"Os diálogos revelam que Ana Cristina Valle exerceu influência dentro do Palácio do Planalto a favor do lobista Marconny Faria"

O senhor colocou seu nome para candidato à Presidência da República. Qual é a sua principal proposta?
Sim, apresentei o meu nome ao partido Cidadania. Tenho algumas propostas fundamentais. No primeiro dia de trabalho legislativo acabaria com a reeleição para o cargo executivo, porque nós não temos maturidade para viver com um governo que trabalha pensando em reeleição infinita. Depois, tem a questão do combate à corrupção como uma política de Estado, que não precisa de heróis e salvadores da pátria. Precisamos melhorar as decisões do Estado com a certeza de que o interesse público vai ser privilegiado em relação ao interesse dos grupos. É urgente a construção de um programa de transferência de rendas, que seja estruturalmente viável e fiscalmente responsável. Na educação, é necessária uma reconstrução daquilo que estava longe do ideal antes da pandemia, mas no pós-pandemia, somado a incompetência do governo Bolsonaro, teve uma destruição completa. Também, é preciso um resgate no meio ambiente, que tem impacto na questão econômica. E, por fim, uma revolução na parte administrativa, há muito espaço para melhorar os serviços do Estado.

Quais os grupos políticos que senhor discute? E qual seria a sua chapa ideal?
Conversamos com grupos que são de renovação na sociedade organizada de centro-direita a centro-esquerda: Acredito, MBL, Vem pra Rua, etc. Dentro do universo dos partidos tradicionais o diálogo está com as legendas que saem da radicalização: PSDB, Cidadania, MDB, PV, Rede e PSD. Falta ainda liderança nesse processo. A chapa ideal pode inclusive não ter meu nome. O compromisso é de manter uma renovação nas práticas políticas e na preservação da democracia.

Lula e Bolsonaro aparecem à frente nas pesquisas. É viável uma terceira via que chegue no segundo turno?
Eu acredito em uma candidatura que concentre a maioria dos votos da terceira via. Lula e Bolsonaro têm maior intenção de voto hoje, mas também têm uma rejeição consolidada. A maioria não quer nem Lula, nem Bolsonaro, nem extremistas. No entanto, nesse momento os eleitores só conseguiram visualizar essas duas opções. O desafio é apresentar uma alternativa diferente. Não é uma tarefa fácil, mas é viável. Quem comprovar que dá pra fazer diferente e pode mudar a vida dos brasileiros que mais precisam vai convencer o eleitorado. ■

FOTO: CUSTODIO COIMBRA/AGÊNCIA O GLOBO

Editorial

CHEGA! MANDEM O P PARA A

Será que não basta? Alguém ainda tem alguma dúvida do estrago, das consequências e das intenções terríveis para a Nação e para a democracia de um mandatário golpista conspirando diariamente no Planalto? Não é possível tanta tolerância, conivência e indulgência com o festival de crimes que esse senhor vem praticando sem a devida punição. Sim, ele esta cometendo CRIMES de responsabilidade à luz do dia, para quem quiser ver e ouvir. Sequestrou a data cívica do Sete de Setembro, na qual o País tradicionalmente comemora a sua independência, para armar um circo golpista no qual apontou, com todas as letras, que não irá mais seguir a Lei. Afrontou ministro do Supremo chamando-o de canalha. Incitou os áulicos convertidos fiéis a confrontarem os poderes da República. Jair Bolsonaro quer o caos e a desordem institucional do Brasil. Por que, na regra e no devido instrumento da eleição, sabe que não vai conseguir manter-se no cargo por novo mandato, como sonhava. Senhores do Estado, legalistas, cidadãos em geral, acordem para o perigo em andamento. Bolsonaro conspira. Não irá cessar no intento de uma aventura totalitária. Como ele pode continuar na cadeira de comando levando adiante esse ímpeto cesarista? Quais razões os tais aliados venais irão invocar para manter a encenação de uma normalidade operacional que deixou de existir por aqui? O presidente não governa. Sabota. Não obedece mais aos preceitos e regramentos da Carta Magna que jurou cumprir. Esquematiza ardis autoritários como um déspota, que imagina não ter de prestar contas ou satisfação a ninguém. Bolsonaro maquina a arapuca da ditadura. Tirânico, arrivista, montado em um populismo tacanho para arregimentar massas de adeptos iludidos, parte para o tudo ou nada. Das ameaças, dos esquemas podres de compra de apoios a sua causa liberticida. Sem freios ou contrapesos. Os brasileiros parecem condenados a aceitar, à revelia da própria vontade, um caudilho desequilibrado, atentando diariamente contra o Estado de Direito, a Constituição e a democracia — essa conquistada a duras penas, após décadas de um regime abominável e usurpador das liberdades. Magistrados do Supremo, parlamentares, agentes da sociedade civil organizada, juízes, generais das Forças Armadas, demais autoridades, deem um basta nesse facínora imoral e anarquista, que jamais pensou no bem geral do povo e adotou o desvio de conduta como princípio. Não é razoável aceitar e assistir a essa loucura institucional sem fim, com desrespeitos legais, injúrias e desacatos a granel. Até quando? O mandatário está completamente fora de si. Qualquer um percebe. Aloprado, tomado pela prepotência e sede reacionária, pelo radicalismo extremo e sem controle. A cientista política Ilona Szabó, em um antológico chamamento a favor do resgate da cidadania e dos fundamentos republicanos, convocou estadistas a apresentarem, com urgência, uma resposta firme e efetiva a tantos desmandos, que esgarçam os limites da civilidade brasileira por inação, omissão e cumplicidade de alguns poucos agentes da Casa-Grande — esses sempre à busca de se locupletarem nas barras do manda-chuva da vez. É preciso restabelecer o bom-senso, o equilíbrio. E não há outro caminho que não o da abertura imediata de um processo de impeachment. Absolutamente justificável, inadiável, movido pelo tsunami de provas e evidências acumuladas até aqui. O presidente, definitivamente, não reúne mais as mínimas condições para prosseguir no posto. Quebrou com os fundamentos da decência administrativa na vida pública, para a perplexidade e estupor inclusive dos que nele votaram. Aos olhos do mundo, e mesmo internamente, é tido como um dos mais perigosos chefes de Estado do planeta. Deixou o Brasil de joelhos, vergado pelo atraso e desmonte da estrutura no campo social, político e econômico, indo rumo à bancarrota e montado numa crise sanitária que, de maneira implacável, castiga a população. É preciso restaurar a figura do líder equilibrado, coerente e disposto a encarar, de frente, os reais problemas que se apresentam. Alguém que finalmente governe. Não gere medo e insegurança. Sicários, levados pelo comandante

Carlos José Marques, *diretor editorial*

RESIDENTE GOLPISTA PRISÃO

cujo único intuito é o da algazarra, tentaram por esses dias, na marra, invadir prédios públicos para depor autoridades desafetas. É uma vergonha que o impedimento do maior aliciador dessa tropa ainda não esteja em andamento. Os descalabros não param. Em prol do bem geral e a favor da própria hombridade da política, é mister iniciar o processo de impeachment daquele que hoje está aboletado no Palácio do Planalto. Há um entendimento quase global nesse sentido. Políticos, parlamentares e chefes de governo de ao menos 27 países divulgaram uma carta aberta denunciando que o Brasil vem vivendo uma ameaça clara de "insurreição" antidemocrática. Nossos representantes do Legislativo e do Judiciário vão continuar fechando os olhos a isso? É a imagem que queremos deixar firmada no mundo? O ex-presidente Michel Temer, que habilidosamente costura um novo formato de planejamento por ele batizado de "Ponte para o Futuro 2", apontou que, "antes de pacificar o País, há de se pacificar Bolsonaro". E qual a única maneira de se fazer isso? Retirando dele os instrumentos que lhe permitem seguir delinquindo. De uma vez por todas é preciso que fique evidente: o propalado "mito" Messias não irá mudar, ceder ou se adequar à missão constitucional que lhe cabe. Antes, afirmou de viva voz, prefere "enquadrar" quem lhe contraria. Como bem disse o presidente do STF, ministro Luiz Fux, quem promove o discurso do "nós contra eles" propaga apenas o caos. E é por isso mesmo que não dá mais para seguir nessa toada. "Povo brasileiro, não caia na tentação das narrativas fáceis e messiânicas, que criam falsos inimigos", apelou o magistrado, alegando que a Suprema Corte "jamais aceitará ameaças à sua independência nem intimidações ao exercício regular de suas funções". Mas a tolerância às bravatas nesse sentido ainda é enorme. Os autointitulados "verdadeiros patriotas" desconsideram o alcance das maquinações de Bolsonaro. Fazem pouco caso delas, talvez por comodismo ou receio dos contra-ataques. E nesse cabo de força oscila o destino inglório daqueles que sofrem com problemas reais e intransponíveis como a fome, a doença, o desemprego, a falência, o desarranjo social e a falta de perspectiva. A turma do deixa disso precisa demover do horizonte as armadilhas golpistas, sem cumplicidade com os ilícitos ou desdenho pelo desespero geral de quem clama por uma saída. Dando nome aos bois: que o presidente da Câmara dos Deputados, o aliado ocasional do Executivo, Arthur Lira, exerça a missão que lhe é devida e nacionalmente almejada de colocar em pauta um dos inúmeros processos de impeachment. Tome a decência de se apresentar como um democrata perante a sociedade, sob pena de macular irremediavelmente a própria reputação. É preciso fulanizar, responsabilizar e punir aquele que tenta transformar o Brasil em um manicômio fora da lei para consagrar seus mais recônditos projetos de arbitrariedade e genocídio. ■

FOTO: UESLEI MARCELINO/REUTERS

Artigos

por Germano Oliveira

Diretor de redação de ISTOÉ

A FAMIGLIA RACHADINHA

Quando Bolsonaro se elegeu, prometeu transformar o País. Quase 60 milhões de brasileiros acreditaram. Afinal, ele garantia que acabaria com os malfeitos de Lula, que, naquela altura, estava preso em Curitiba por corrupção. Três anos depois, o Brasil percebe que trocou seis por meia dúzia. O bolsonarismo bebe na mesma fonte do lulismo: o dinheiro público. No caso do petista, os recursos do erário foram saqueados dos cofres da Petrobras. Já no caso do atual presidente, o saque é feito em dinheiro vivo, retirado ao longo dos anos das contas de funcionários fantasmas empregados nos gabinetes parlamentares de Jair e de seus filhos. O pai ensinou aos meninos como operar o esquema das rachadinhas, que rendeu milhões e enriqueceu a todos, incluindo ex-mulheres e agregados. Sabemos, agora, que a eleição do ex-capitão foi um estelionato eleitoral e ainda há os que defendam que ele dê um golpe para moralizar o Brasil.

E quem conta detalhes desse sórdido esquema de corrupção não é ninguém da oposição que almeje jogar a família na lama para alijá-la do poder. As denúncias partem dos que conviveram intimamente com os Bolsonaro. Desta vez, quem desnuda o golpe dado às contas públicas é um humilde ex-funcionário da ex-mulher do mandatário, Ana Cristina Valle. Marcelo Luiz Nogueira dos Santos, que era considerado por Jair Renan, o 04, como seu pai postiço, conta que repassava 80% do salário que ganhava no gabinete do senador Flávio ao próprio filho do presidente. Repete o que o ex-PM Fabrício Queiroz já havia confessado à Justiça: que arrecadava valores altíssimos dos funcionários de Flávio e os depositava em dinheiro vivo nas contas do 01.

Moral da história: todos enriqueceram. Flávio comprou uma mansão de R$ 6 milhões no Lago Sul de Brasília e Ana Cristina mora, junto com o 04, em outra mansão, também no Lago Sul, afirmando pagar aluguel. Mas, de acordo com Marcelo dos Santos, o imóvel é dela própria e estaria em nome de laranjas. Já Carluxo é investigado por desviar R$ 7 milhões das contas dos funcionários de seu gabinete de vereador, com a ajuda da ex-madrasta

A eleição de Bolsonaro foi um verdadeiro estelionato eleitoral e ainda há os que defendam que ele dê um golpe para moralizar o País

Ana Cristina. Sua própria mãe, Rogéria, também se valia de dinheiro vivo para comprar imóveis, como aconteceu na aquisição de um apartamento na zona Norte do Rio, que hoje vale R$ 621 mil. Além disso, a própria primeira-dama Michelle ainda não explicou por que recebeu R$ 89 mil de Queiroz. Como percebemos, tanto Lula, quanto Bolsonaro, são farinha do mesmo saco. Se queremos uma gestão que resolva os reais problemas do País, levando em consideração a moralidade e a ética pública, teremos que pensar em opções que fujam da polarização entre o lulismo e o bolsonarismo.

BRASILÊRO DE COIMBRA

"Brasilêro" é uma das fontes brasileiras mais populares de todos os tempos. O projeto tipográfico começou com a análise de centenas de letreiros feitos à mão encontrados em diversas cidades brasileiras, numa tentativa de traduzir o impacto dessa cultura visual popular em uma tipografia digital. Coimbra é uma das cidades onde mais brasileiros moram em Portugal. E com muita probabilidade uma das que mais estudantes e doutores tem fora do Brasil. A Universidade de Coimbra está eternamente ligada ao Brasil, sendo uma das referências principais na construção dos pilares da nossa história, génese social, matriz cultural e barafundas políticas. Foi quando o meu avô materno veio para cá – como milhares de outros portugueses – ainda antes da segunda guerra mundial, procurando sonhos maiores do que Portugal permitia, que o Brasil entrou no meu coração, embora eu ainda nem tivesse nascido e muito tempo ainda haveria de passar para que eu o soubesse. Meu avô Fernandes ficou 11

O Brasil entrou no meu coração, embora eu ainda nem tivesse nascido — e muito tempo ainda haveria de passar para que eu o soubesse

por José Manuel Diogo

Escritor

anos sem dar notícias, e na sequência a reputação do Brasil ficou péssima junto da família. Falar do Maranhão e do Pará, ou de qualquer outro estado, praia, serra ou cidade brasileira, causava imediato conflito.

Na verdade, a minha mãe Piedade, que Deus bem a guarde, foi a principal prejudicada pela diáspora familiar. Primeiro, porque a ida dele lhe trouxe sorte; então a filha mais nova dos 5 irmãos da família, ganhou guarida junto de uns tios abastados que a criaram até ser menina e moça como uma princesa. Depois porque quando ele voltou — e a resgatou pela primeira vez para o seio familiar — ela culpou o Brasil pelas mordomias perdidas e não o pai, que acabava de voltar dessa peregrinação. Aconteceu muitos anos antes de eu nascer, mas esta história teve na minha vida uma importância fundamental. Foi por causa dela que desenvolvi uma extraordinária curiosidade por tudo o que acontecia na terra que fez o meu avô deixar para trás a mulher e os filhos e viajar milhares de quilómetros para tentar a sorte. Foi ela que me "apresentou" aos conceitos — família, fidelidade, certo, errado, poder, machismo, silêncio, raiva, vergonha e até vingança.

Mas mais importante que tudo, maior que todos os rancores que os Fernandes mantiveram entre si durante muitas gerações, foram os valores que compreendi ao mesmo tempo que conhecia a palavra Brasil: o amor e a liberdade. Talvez seja por isso que, muitas vezes, na minha vida pessoal e profissional, ainda antes de saberem meu nome, as pessoas já me saibam "brasilêro".

por Marco Antonio Villa

Historiador

BOLSONARO PRESIDENTE. ATÉ QUANDO?

Estamos vivendo o momento político mais grave desde a promulgação da Constituição, em outubro de 1988. É a crise mais longa e profunda. Mais longa no tempo, vêm desde a década passada; e mais profunda, pois atinge todas as instituições. A pandemia potencializou ainda mais a instabilidade política com terríveis reflexos sociais e econômicos. A combinação perversa de diversas crises associada a uma ausência de lideranças políticas paralisou o País. Como não há vazio no poder, logo o espaço foi ocupado por uma caterva que, por definição, estava absolutamente despreparada para governar. Uma das maiores economias do mundo passou a ser comandada por uma malta que associou o desejo de se locupletar — vide, entre outros tantos exemplos, a compra das vacinas e as denúncias de corrupção — com o extremismo político inconstitucional e antinacional. Com esta combinação demoníaca o bolsonarismo transformou o Brasil em uma República bananeira ao estilo da República Dominicana na época de Rafael Trujillo.

Ainda não é possível ter uma resposta assertiva das razões que levaram ao Brasil a este triste momento. É possível apontar alguns possíveis fatores, mas o desenrolar da crise, cada vez mais veloz, deve alcançar o ponto de inflexão nas próximas semanas. E aí poderá ser possível obter uma visão de totalidade deste processo. Tudo indica que o custo para o País será muito alto. Na pandemia logo atingiremos 600 mil óbitos. Famílias foram destruídas. A história pessoal de dezenas de milhares de brasileiros terá de ser reescrita. A economia está em marcha lenta e sem um rumo seguro. Nossa presença internacional é cada vez menos relevante: o isolamento é uma triste realidade. Isto trará — e já está trazendo — sérias dificuldades à Nação nos campos diplomáticos e econômicos. Os reflexos da pandemia na educação foram devastadores. O significado no processo de alfabetização e, consequentemente, na qualificação da força de trabalho e na formação da cidadania. Não há setor no País que não tenha sido atingido pelo caos político-social do bolsonarismo.

Não há setor que não tenha sido atingido pelo caos político-social do bolsonarismo

A militarização do Estado — que levou às Forças Armadas a serem sócias do governo Bolsonaro —, a quebra da cadeia de comando das polícias militares, o incentivo aos grupos paramilitares, o culto da violência, as campanhas criminosas de ataque às instituições democráticas e de injúria, calúnia e difamação das autoridades, vão cobrar um alto preço para o Brasil. E será maior quanto mais tempo Jair Bolsonaro permanecer no poder.

Frases

"FICO TRISTE COM A SEPARAÇÃO DAS PESSOAS QUE SE DIZEM DE ESQUERDA E DE DIREITA DEVERÍAMOS, NA VERDADE, ESTAR LUTANDO PELA MESMA COISA"

NEGRA LI, cantora

"PARTIU UM ARTISTA QUE LUTOU, COM AS ARMAS QUE TINHA, PELO PROGRESSO E DESENVOLVIMENTO DA NAÇÃO BRASILEIRA"

CASSIO SCAPIN, ator, sobre o falecimento de Sérgio Mamberti

"Avisa que eu não posso jogar no domingo"

PELÉ, ex-jogador de futebol, após a retirada de tumor no cólon

"SE VOCÊ AINDA APOIA JAIR BOLSONARO EM 2021, OU VOCÊ É IGNORANTE OU MAU-CARÁTER OU OS DOIS. NÃO HÁ OUTRA POSSIBILIDADE"

FÁBIO PORCHAT, humorista

"DE CERTA FORMA, TODA A NOSSA MEMÓRIA É FALSA"

VERONICA O'KEANE, psiquiatra irlandesa, ao dizer que lembranças são desenvolvidas a partir de sensações filtradas pelo corpo humano

FOTOS: REPRODUÇÃO; MARCELO JUSTO/FOLHAPRESS; ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS; KARIME XAVIER/FOLHAPRESS; BRYAN BEDDER/GETTY IMAGES NORTH AMERICA

por Mariana Ferrari

"NÃO TIRO FÉRIAS. SÓ A PANDEMIA CONSEGUIU ME PARAR"

ALCIONE, cantora, que agora volta ao palco

"A DETERIORAÇÃO ECONÔMICA NO BRASIL É RESULTADO DE PROJETO ANTIDEMOCRÁTICO"

ANDRÉ LARA RESENDE, **economista e um dos formuladores do Plano Real**

"É UMA VERGONHA VER O STF BRIGANDO SOZINHO PARA MANTER A DEMOCRACIA, ENQUANTO A CÂMARA PERMANECE INERTE À DESORDEM NEOFASCISTA SOBRE O PAÍS"

CHRITIAN LYNCH, **cientista político**

"MENTALIDADE DE VENCIDO JÁ É MEIA DERROTA"

RUY GUERRA, **cineasta**

"O amor ao Brasil e à democracia nos une. Sem volta ao passado"

LUÍS ROBERTO BARROSO, ministro do STF, no dia Sete de Setembro

"A probabilidade de não sobrevivermos no próximo século é de uma em seis"

TOBY ORD, filósofo australiano, explicando como a falta de preservação da natureza pode por um fim na espécie humana

"A HIERARQUIA POLICIAL ESTÁ SUBORDINADA À HIERARQUIA DO EXÉRCITO"

ROBERTO KANT, antropólogo

"TODA VEZ QUE VOCÊ COLOCAR UM SUJEITO NO LUGAR DE EXCEÇÃO, ELE É DESLIGADO DE SEU LUGAR DE ORIGEM"

CONCEIÇÃO EVARISTO, **escritora**

"As drogas devem ser tratadas como o álcool"

CARL HART, neurocientista, ao defender o acesso à informação como ferramenta de redução de danos

EDITAL DE CULTURA

SESC RJ

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ricardo Chapola

Brasil Confidencial

A LEI É PARA TODOS O ministro Barroso, do TSE, adverte: se Bolsonaro insistir nos ataques à democracia, pode ter a candidatura cassada

Bolsonaro inelegível

O presidente Bolsonaro esticou de forma tão desproporcional a corda da normalidade institucional e do legítimo processo eleitoral que passou a representar uma ameaça concreta à democracia e à realização das eleições em 2022. Dessa forma, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), presidido pelo ministro **Luís Roberto Barroso**, já começa a colocar no horizonte a possibilidade de afastar o mandatário da disputa pela sucessão no ano que vem. Um dos caminhos em análise seria considerá-lo inelegível. E motivos para isso são incontáveis, a começar pelos processos que ele responde no tribunal por abuso do poder econômico na eleição de 2018, além dos inquéritos pelos quais é investigado no STF por disseminar fake news, fazendo acusações sem provas à segurança das urnas eletrônicas.

Registro

Além das investigações a que é submetido no STF, Bolsonaro é ainda alvo de duas ações no TSE por desrespeitar o sistema eleitoral, o que pode lhe valer severas punições. Basta ter uma única condenação até agosto, prazo para o registro das candidaturas. Os ministros do tribunal podem vetar sua candidatura mediante pedido de qualquer partido.

Guilhotina

Essa possibilidade vai pairar sobre a cabeça do presidente nos próximos meses. Se ele insistir em levar adiante a obsessão do golpe, correrá o risco de ser barrado na corrida presidencial, dentro do estrito jogo democrático. O TSE e o STF já deixaram claro que a Justiça não tolerará o desrespeito à Constituição. Bolsonaro não está acima da lei.

CPI mira em sobrinho de Bolsonaro

Omar Aziz, presidente da CPI da Covid, pediu levantamentos sobre a eventual participação de Leonardo Rodrigues de Jesus, o Léo Índio, em negócios suspeitos para a compra de vacinas, com o objetivo de colocar o sobrinho do presidente no rol dos possíveis convocados para depor. O senador tem indícios de que o primo de Carluxo estaria envolvido no esquema de corrupção na aquisição de imunizantes.

RÁPIDAS

* Bolsonaro deu mais um exemplo de como torrar dinheiro público para sustentar suas alucinações golpistas. O desfile dos tanques em Brasília no último dia 10 de agosto custou R$ 3,7 milhões aos cofres da União, dos quais R$ 721 mil só para pagar o óleo diesel.

*** Fux bem que tentou ajudar Bolsonaro a encontrar uma solução para o pagamento dos R$ 89 bilhões em precatórios, mas depois que o presidente deu novas declarações ameaçando ministros ele tirou o time de campo.**

* Roberto Campos Neto (BC) diz que "os ruídos eleitorais", associados à crise hídrica e às incertezas da política econômica, estão levando a dificuldades para a condução da política monetária: os juros vão continuar subindo.

*** Os prefeitos ficaram "perplexos" com a reforma do Imposto de Renda aprovada na Câmara, que lhes tungou R$ 9,3 bilhões. Tentarão mudar o projeto no Senado: os senadores não desejam descontentá-los em ano eleitoral.**

FOTOS: CRISTIANO MARIZ; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO; ALEXANDRE REZENDE/UOL/FOLHAPRESS; LUIS MACEDO/CÂMARA DOS DEPUTADOS; MOREIRA MARIZ/AGÊNCIA SENADO; CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/FOLHAPRESS

RETRATO FALADO

"A despeito de suas convicções políticas, não aceite agressões às instituições"

*O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), **dom Walmor Oliveira de Azevedo**, condenou os que agridem a democracia. Para ele, o País está "contaminado por um sentimento de raiva e de intolerância." Ele orienta os brasileiros a não se deixarem convencer por quem afronta as instituições: "São elas que impedem totalitarismo". O bispo pede paz. "Muitos, em nome de ideologias, dedicam-se a ofensas, chegando ao absurdo de defender o armamento da população."*

TOMA LÁ DÁ CÁ

VINICIUS POIT, DEPUTADO FEDERAL DO NOVO-SP

O que acha da política econômica de Guedes?

No início, ela se mostrou boa, mas foi transformada em uma política populista. Um exemplo é a reforma do IR. Com a desculpa de corrigir a tabela e deixar mais pessoas isentas, aumentou impostos para quem gera emprego.

O que achou das ameaças feitas pelos bancos públicos à Febraban?

O Estado não deveria nem ser dono de banco. Defendemos a privatização do BB. Os bancos privados têm total liberdade para criticar ou não o Governo Federal.

Qual sua avaliação sobre a reforma eleitoral?

É uma armadilha feita às pressas, só pra poder valer já nas próximas eleições, sem um debate sério sobre as mudanças. Um verdadeiro absurdo. Discordamos profundamente do Distritão.

Contratações eleitoreiras

Bolsonaro perdeu o pudor e deixa claro que o dinheiro público será usado descaradamente no projeto da reeleição. O governo acaba de enviar ao Congresso o Orçamento para 2022 com a previsão de gastar R$ 5,3 bilhões para a contratação de 73.640 novos funcionários públicos. É o dobro do valor destinado este ano para a reposição dos cargos no governo. A estimativa é que somente no Palácio do Planalto serão criados 1.129 novos postos, que, obrigatoriamente, deverão ser ocupados por militares. Vale lembrar que, atualmente, já são 6.157 fardados com emprego no governo, mais do que o dobro dos que serviram no governo Temer (2.765). Desses, 2.643 estão em cargos comissionados e com salários milionários.

Gasto bilionário

Com a contratação dos novos funcionários, o governo aumentará a folha de pagamento dos servidores em mais de R$ 10 bilhões. Hoje, gasta R$ 332,3 bilhões com o funcionalismo e vai passar a dispor de R$ 342,7 bilhões com os encargos salariais em 2022. Nada como inchar a máquina pública em busca de votos.

Bicadas no ninho tucano

Ao se licenciar do Senado para tratamento de saúde, o senador **José Serra** abriu uma cisão no PSDB pela disputa de sua cadeira nas eleições do ano que vem. José Aníbal, o suplente que assumiu o posto, diz que é o candidato natural ao cargo, mas o presidente do PSDB de São Paulo, Fernando Alfredo, afirma que haverá prévias e ele já está inscrito.

O fator Alckmin

Ocorre que alguns tucanos, como o prefeito de São Bernardo, Orlando Morando, pretendiam usar a vaga de Serra para negociar a permanência de Geraldo Alckmin no partido, oferecendo-lhe a candidatura ao Senado. Mas o ex-governador quer mesmo é ser candidato ao governo de São Paulo, o que está fora de cogitação: João Doria quer Rodrigo Garcia.

Furando o bloqueio

Cansado de esperar por vacinas sempre insuficientes do Ministério da Saúde, o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, resolveu comprar diretamente do Instituto Butantan 500 mil doses da Coronavac, ao preço de R$ 26 milhões. Pagou menos de US$ 10 por unidade, sem superfaturamento e sem intermediários, coisa rara no comércio brasileiro de imunizantes.

Semana

por Antonio Carlos Prado e Mariana Ferrari

CORRUPÇÃO? Charles com o bilionário saudita Mahfouz: comentários nada edificantes na mídia e na boca dos ingleses

"Se os políticos se empenhassem em negociar honras, estariam em apuros. A mesma coisa deve valer para Charles"
Norman Baker, ex-parlamentar na Inglaterra

FAMÍLIA REAL

Príncipe Charles é acusado de vender títulos de nobreza

E lá está novamente a família real britânica em meio a denúncias e comentários que ela gostaria de manter longe da mídia — mas que, como sempre acontece, os jornais ingleses acabam por descobrir. Michael Fawcett é um ex-funcionário da realeza (sempre tem um ex ou uma ex... não tem?) e seus préstimos tinham como destinatário direto o príncipe Charles. Ele, Fawcett, está sendo acusado de ter-se comprometido com o bilionário Mahfouz Marei Mubarak bin Mahfouz em ajudar-lhe a conseguir a cidadania britânica e o título nobiliárquico de cavaleiro. Mahfouz é um dos maiores doadores de dinheiro para a Prince's Foudation, criada por Charles em meados da década de 1980. Mais: Mahfouz, conforme publicaram os jornais "The Mail on Sunday" e "The Sunday Times", teria doado cerca de R$ 10 milhões para projetos de restaurações de propriedades particulares de Charles, dentre elas o Castelo de Mey e a mansão Dumfries House, ambas na Escócia — é nessa casa que há uma cachoeira, um jardim e um portal chamados Charles, algo meio pasteurizado e monótono, convenhamos, mas bem ao gosto da monótona e pasteurizada realeza. O periódico "The Mail on Sunday" exibiu um documento, supostamente assinado por Fawcett e tendo Mahfouz como destinatário, no qual o ex-funcionário assegura que o príncipe estaria disposto a elevar-lhe o título de comendador para o de cavaleiro, além de apoiar o seu pedido de cidadania britânica. O príncipe Charles nega que tenha orquestrado essa corrupção. Mas os ingleses já nem falam de outro assunto.

O muito esperto

Michael Fawcett é apontado pela mídia como o ex-funcionário bem próximo de Charles. Ele intermediou e lucrou com a negociação que envolveria o príncipe?

FOTOS: REPRODUÇÃO

TECNOLOGIA

Na China, adolescentes só podem jogar videogame três horas por semana

ONLINE A china é a maior indústria de games em todo o mundo: seiscentos e sessenta e cinco milhões de usuários

A China é a maior indústria de games em todo o mundo — mais de seiscentos e sessenta e cinco milhões de chineses estão, de alguma forma, conectados ao universo dos jogos. Mesmo assim, o governo chinês decretou que menores de idade não poderão jogar videogame além de três horas por semana. Mais: o game está liberado apenas às sextas-férias, aos sábados e domingos. Mais ainda: quem quiser se dedicar a tal entretenimento terá de escolher um horário entre oito horas da manhã e nove horas da noite. O governo poderá monitorar rostos de jogadores (e fiscalizá-los) pela webcam.

QUARTETO Jogadores da Argentina saem do jogo contra o Brasil: espetáculo à parte da Anvisa

PANDEMIA

Falta tirar Bolsonaro de campo

É claro que as normas sanitárias do Brasil têm de ser respeitadas. Erraram, portanto, os quatro jogadores da seleção argentina que, ao ingressarem no País, omitiram a informação de que haviam passado pela Inglaterra (são eles: Emiliano Matínez, Giovani Lo Ceslso, Cristian Romero e Emiliano Buendía). A Anvisa exige quarentena de quem venha do Reino Unido. Isso é uma coisa. Outra coisa é a Anvisa retirá-los de campo com o jogo começado (teve setenta e duas horas para fazer isso antes da partida). Foi puro espetáculo. E, se a questão é sanitária, cabe lembrar que o almirante da reserva que a preside já esteve, sem usar máscara, em manifestação com Jair Bolsonaro. Aliás, a Anvisa precisa retirar também Bolsonaro de campo por descumprimento de regras sanitárias.

FOTOS: GREG BAKER/AFP; AMANDA PEROBELLI/REUTERS

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
EDITOR EXECUTIVO: Marcos Strecker

EDITORES: Felipe Machado, Ricardo Chapola (Brasília) e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: André Lachini, Eudes Lima, Fernando Lavieri, Mariana Ferrari, Taísa Szabatura e Vinícius Mendes
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Camilla Frisoni Sola
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso
PROJETO GRÁFICO: Marcos Marques

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Reportagem: Alan Rodrigues, André Ruoco, Heitor Pires, Larissa Pereira, Leticia Sena, Rafael Ferreira e Vinicius Moreira da Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Adi Leite
Pesquisa: Mônica Andrade (Colaboradora) e Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-888 2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda - **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324, São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão:** **OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.** Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

ANER
www.aner.org.br

Capa/Governo

Impea

Sociedade se une para impedir a escalada golpista do presidente, que selou o seu destino no Sete de Setembro. No domingo, 12, um evento suprapartidário reúne lideranças em São Paulo

Marcos Strecker

FOTO: PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

SEM VOLTA
Jair Bolsonaro em cerimônia no Palácio do Planalto, no último dia 2: o caminho rumo à ruptura institucional vai até o fim

Bolsonaro queria transformar o Sete de Setembro no ensaio geral do seu golpe de Estado. Conseguiu o contrário. O caminho sem volta do presidente rumo à ruptura institucional fez entidades da sociedade civil se mobilizarem e já provocou uma união que tem tudo para lembrar o Diretas Já, movimento suprapartidário nos anos 1980 que sedimentou a redemocratização e lançou as sementes da Constituição de 1988. No domingo, 12, mesmo palco da manifestação bolsonarista, partidos, personalidades e centrais sindicais comparecerão para exigir a única medida capaz de brecar o putsch: o impeachment.

As manifestações convocadas pelo presidente no Sete de Setembro tiveram pelo menos esse mérito: deixaram claro que não há mais possibilidade de diálogo para conter os ataques do presidente às instituições. Em discursos agressivos em Brasília e São Paulo, o mandatário disse com todas as letras que não respeitará as eleições de 2022 (usando a desculpa do voto eletrônico), afirmou que não acatará mais decisões do STF (se elas contrariarem seu interesse) e ameaçou a própria Corte se o seu presidente não "enquadrar" ministros (referência a Alexandre de Moraes, chamado de "canalha"). Não foi um ato cívico. Foi um chamamento ao golpe. "A partir de hoje uma nova história começa a ser escrita no Brasil. Peço a Deus mais que sabedoria, força e coragem para bem decidir", disse.

chment já

FRUSTRAÇÃO A presença de apoiadores no Sete de Setembro foi menor que a esperada em Brasília

Apesar do tom triunfal, a festa foi menor do que os bolsonaristas esperavam: 150 mil pessoas em Brasília, 125 mil em São Paulo. O risco de cooptação de PMs e militares não se concretizou. Grupos de apoio ao presidente, como evangélicos e caminhoneiros, também tiveram um comparecimento inferior ao sonhado pelo governo. Por fim, os mais radicais se decepcionaram com o discurso "moderado" do presidente. Não ouviram a palavra de ordem pela invasão do STF e do Congresso. As escaramuças se resumiram nos arredores da Praça dos Três Poderes à invasão de carros, que furaram o bloqueio da Polícia Militar. No dia seguinte, um grupo de cerca de 100 caminhões ainda permanecia estacionado em tom intimidador, uma horda tentou invadir o Ministério da Saúde para perseguir jornalistas e caminhoneiros desgarrados tentavam bloquear rodovias em 16 estados do País.

A gravidade dos fatos fez a agenda política do País mudar. Este Sete de Setembro foi um divisor de águas, mas não no sentido desejado pelo governo. O mandatário perdeu o benefício da dúvida sobre suas intenções. Como não haverá transição pacífica de poder com ele, a sociedade passou a se mobilizar. A liderança, mais uma vez, coube ao Judiciário. O presidente do STF, Luiz Fux, fez um dos discursos mais incisivos da história da Corte. "Ninguém fechará esta Corte. Nós a manteremos de pé, com suor e perseverança", disse, encarnando o espírito de Winston Churchill. O que chamou a atenção foi a ênfase, já que, em substrato, Fux foi obrigado a reafirmar obviedades, como o fato de que o presidente comete um crime de responsabilidade ao ameaçar o funcionamento do Judiciário (artigo 85 da Constituição), que leva à perda do cargo. Nenhuma novidade, já que Bolsonaro tem praticado um passeio pelo código penal e preenchido todos os requisitos para sofrer um impeachment. Fux mostrou que ele continuará a enfrentar uma ofensiva judicial rigorosa, que já inclui quatro investigações contra ele no STF e duas no TSE. Por isso, o presidente afirmou aos berros na avenida Paulista: "Eu nunca serei preso!". Aí está seu verdadeiro pavor.

O terremoto político paralisou o Congresso. "O ano legislativo acabou", sentenciou o vice-presidente da Câmara, Marcelo Ramos (PL). Para ele, é inevitável a abertura do processo de impeachment do mandatário. Essa discussão dominará o Legislativo a partir de agora, contra a vontade de Arthur Lira, o líder do Centrão eleito para a presidência com apoio do

NÚCLEO DURO Ciro Nogueira (Casa Civil) e o presidente da Câmara, Arthur Lira, ainda tentam conter as investidas do presidente

ALGOZ Relator de inquéritos que investigam bolsonaristas, o ministro Alexandre de Moraes foi chamado de "canalha" pelo presidente

presidente. O próprio grupo fisiológico pode rachar. Apenas o núcleo do PP que mais se beneficiou com cargos, verbas e orçamentos secretos, incluindo o próprio Lira, Ciro Nogueira (chefe da Casa Civil) e Ricardo Barros (líder do governo na Câmara) tende a se manter fiel ao presidente.

Isso explica a reação anódina do presidente da Câmara às manifestações, mesmo que tenha sido pressionado. Ele ensaiou uma crítica ao presidente, sem citá-lo, tentando atribuir a crise ao excesso de "bravatas nas redes sociais". "É hora de dar um basta a essa escalada ", disse. E acrescentou: "A Câmara dos Deputados apresenta-se hoje como um motor de pacificação". Trata-se de um embuste. Ao contemporizar com o mandatário e não se colocar na trincheira em defesa da democracia, Lira, na prática, alimenta a tentação golpista de Bolsonaro e agrava as múltiplas crises que o País atravessa. Torna-se na prática um dos grandes responsáveis pelo caos em que o País mergulha.

Igualmente pífia foi a manifestação do Procurador-Geral da República, Augusto Aras: "Acompanhamos uma festa cívica com manifestações pacíficas. Elas foram a expressão de uma sociedade plural e aberta, características de um regime democrático". É uma declaração escandalosa, já que cabe ao PGR exatamente a função de defender a democracia em nome da sociedade. Ao contrário, ele tem agido para blindar o presidente. Por causa disso, o senador Randolfe Rodrigues e o PDT apresentaram notícias-crime ao STF pedindo que ele cumpra sua função investigando as ameaças feitas à Corte.

RECADO Provável candidato em 2022, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, vai devolver MP inconstitucional ao Executivo

Mais firme foi o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Ele pretende devolver ao Executivo a Medida Provisória enviada na véspera do Sete de Setembro que impede as redes sociais de excluírem conteúdo de ódio ou desinformação. É uma MP inconstitucional. Ao devolvê-la, Pacheco dá um recado. Ele inclusive cancelou sessões previstas do Senado em função da gravidade do momento. Um interlocutor afirmou que ele está se sentindo isolado nas respostas aos ataques de Bolsonaro e acredita que as reações tendem a aumentar a partir de agora, porque o presidente deu sinais claros de que as eleições estão de fato ameaçadas. "Os parlamentares têm projetos políticos, querem disputar as eleições no ano que vem. Só o Pacheco respondendo não vai adiantar. Mas isso vai mudar a partir de agora", confidenciou o aliado. Com ele concorda o cientista político Rubens Figueiredo: "Bolsonaro quer colocar em dúvida o resultado das eleições, que são a razão de ser dos políticos".

TENSÃO Indígenas acampados em Brasília assistem ao pronunciamento do presidente do STF, Luiz Fux, no dia 8

A conclusão é que o presidente está num caminho sem volta. Ao perceber o estrago que a manifestação provocou, ele recuou e divulgou uma nota na quinta-feira dizendo que "nunca teve a intenção de agredir quaisquer dos Poderes". O texto, claramente em contraste com as suas palavras usuais, fala em harmonia e mostra respeito ao ministro Alexandre de Moraes. Fez isso após se reunir com o ex-presidente Michel Temer. Esse aceno de paz, como sempre, não deve ser duradouro. Nenhum político acredita em uma nova atitude. Por isso, partidos já mudaram suas estratégias. Vários que integram o Centrão avaliam endossar o impeachment, caso do PSD, Solidariedade e MDB. O PSL e o DEM, que negociam sua fusão, divulgaram uma nota com críticas ao presidente. Um fato significativo, já que o PSL é o próprio partido que elegeu Bolsonaro e ainda abriga deputados da base governista. Apesar de não endossar imediatamente o impeachment, o PSDB de João Doria finalmente se declarou em oposição a Bolsonaro. É um desenvolvimento que favorece o governador paulista, pois isola a ala ligada ao deputado Aécio Neves, que aderiu ao bolsonarismo.

Não são apenas os políticos que estão incomodados. O Sete de Setembro também representou um ponto de inflexão

> **"Ninguém fechará o STF. Desrespeitar a Justiça é crime de responsabilidade"**
> **Luiz Fux**, presidente do STF

para empresários, agentes e investidores. Nunca ficou tão claro que o maior obstáculo para a recuperação econômica é o próprio presidente. Ele fez evaporar a confiança na retomada dos negócios. Apenas no "day after" das manifestações, a Bolsa despencou 3,78%, fazendo as empresas perderem R$ 195 bilhões em valor de mercado. O dólar disparou 2,93%, maior alta desde junho de 2020, fechando em R$ 5,32. Ao implodir as pontes com o Judiciário, ele também inviabilizou pautas de seu interesse, que agora serão travadas ou tendem a ter um desfecho desfavorável. "Bolsonaro escalou a insegurança jurídica para além da política. Aumentou o temor dos investidores e terminou de comprometer a recuperação do PIB. E, obviamente, isolou-se ainda mais", resume o cientista político Antônio Lavareda.

A percepção de isolamento internacional pode ser facilmente observada. O espetáculo golpista alarmou o mundo e virou manchete em vários jornais, como o "New York Times" e o "The Guardian". Antes do dia 7, o governo americano emitiu um alerta de segurança a seus cidadãos no Brasil. O governo Joe Biden teme a possibilidade de uma ruptura. Não passa em branco aos americanos as tentativas desesperadas de Bolsonaro de se aproximar de antigos auxiliares do ex-presidente Donald Trump, como Jason Miller, que foi interrogado em Brasília pela PF no próprio Sete de Setembro (foi ouvido dentro do inquérito que apura a organização e o financiamento das manifestações antidemocráticas).

Tudo isso torna Bolsonaro um dos líderes mais desprezados no cenário internacional e, o Brasil, um dos países mais isolados. Personalidades e ex-presidentes de mais de 25 países vocalizaram o temor com um retrocesso autoritário. "Nós, representantes eleitos e líderes de todo o mundo, estamos soando o alarme: em 7 de setembro de 2021, uma insurreição colocará em risco a democracia no Brasil", escreveram. A carta foi assinada por nomes de esquerda como o ex-chefe de governo espanhol José Luis Rodriguez Zapatero e o ex-presidente da Colômbia Ernesto Samper. No Brasil, entidades como CNBB, OAB, ABI, SBPC, ABC e a Comissão Arns fizeram o mesmo alerta: "A apropriação da nossa data cívica por indivíduos obstinados em

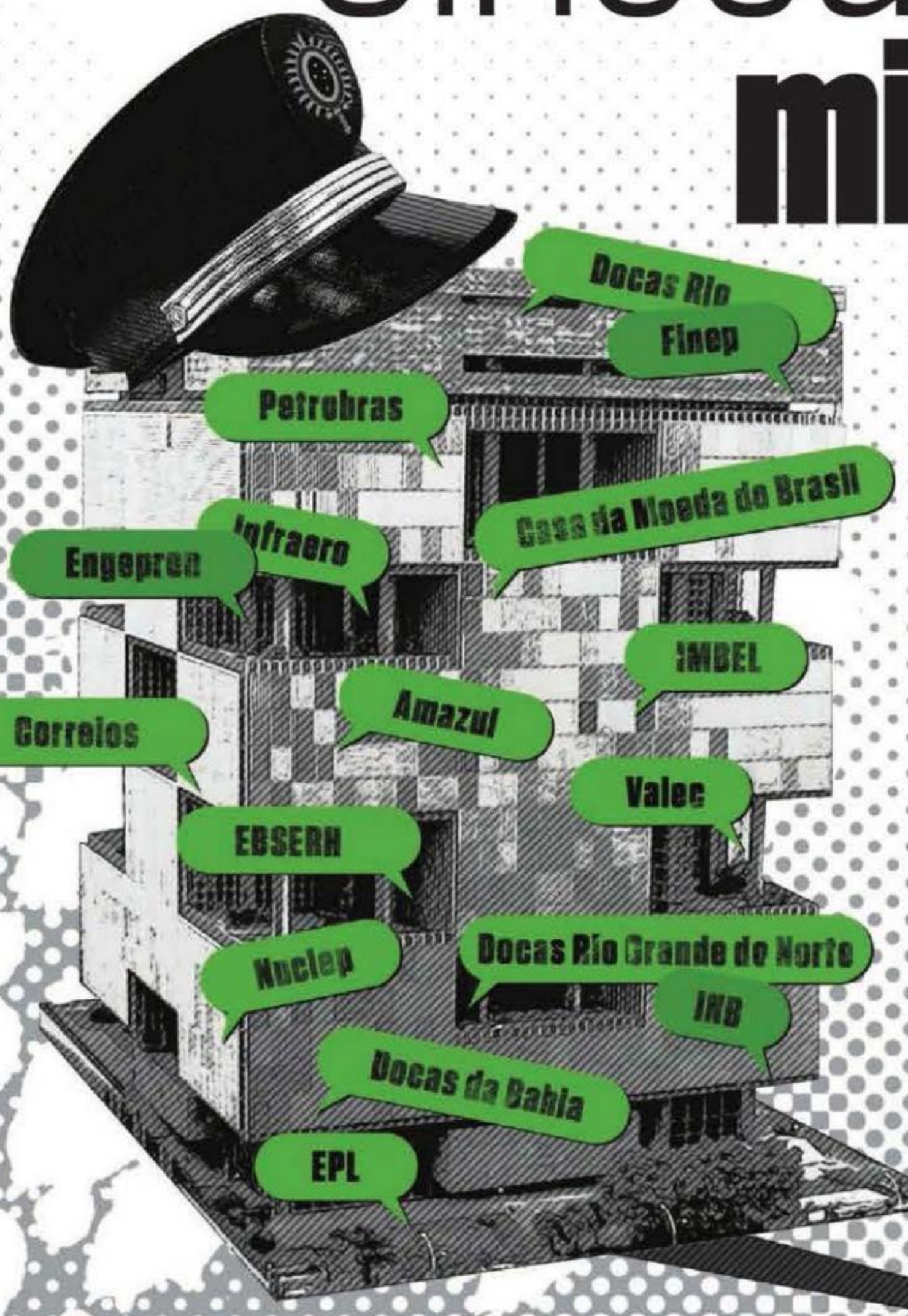
semear divisões entre os brasileiros, disseminando o ódio e a intranquilidade para dar passagem a um projeto político de viés personalista, declaradamente autoritário, deve ser repudiada por toda a sociedade".

A reação já está em curso. O grupo Direitos Já, que reúne 18 partidos e dezenas de movimentos da esquerda à direita, anunciou mobilizações pelo impeachment. Em reunião no próprio dia 7 que teve representantes do PT, PSDB e de pelo menos mais cinco partidos foi definida a organização de eventos a partir desse mês, com o objetivo de unir personalidades políticas, intelectuais e nomes de peso como os ex-presidentes Lula e FHC. A meta é fazer uma grande manifestação que coincida com a entrega do relatório final da CPI da Covid. Um grande teste acontecerá neste domingo (12). Movimentos de renovação política que se destacaram em 2018 como MBL, Agora e Acredito haviam convocado um ato neste dia que buscava estimular a "terceira via" no pleito de 2022. Agora, esse movimento passou a unir todas as forças políticas e terá como mote o pedido de impeachment. "O ato ganhou uma dimensão maior, queremos um palanque mais próximo do que houve nas 'Diretas Já'. A gente deseja uma manifestação de pauta única com a cor branca para reafirmar a neutralidade política, que seja uma manifestação pela democracia", diz o deputado Kim Kataguiri (DEM).

O PDT, Novo, Cidadania, PSDB e o diretório paulista do PSL já anunciaram a adesão à manifestação do dia 12, que terá ainda a participação de representantes do PCdoB, PSOL e quatro centrais sindicais. O pré-candidato à presidência Ciro Gomes confirmou a participação. "Precisamos reunir todos os democratas, quaisquer que sejam as nossas diferenças, para proteger a democracia", afirma. Poderá estar ao lado de Luiz Henrique Mandetta e João Doria. Esse impulso pode ser o elemento que falta para mudar a dinâmica política em Brasília. Pessoas próximas do presidente da Câmara disseram que ele aguarda o nível de mobilização desse e dos próximos atos. Se a adesão for grande, Lira terá o elemento que ele próprio dizia faltar para analisar os 130 pedidos de impeachment que tem em suas mãos: a força das ruas. Não é o que esperava, mas pode ser atropelado pelos acontecimentos. ■

Colaboraram Eudes Lima e Ricardo Chapola

MOBILIZAÇÃO Vídeo que pede o impeachment e antecipa os atos contra o presidente. A manifestação do dia 12, na av. Paulista (SP), virou suprapartidária

Sinecura militar

Presidentes de **16 estatais são militares** e chegam a receber até R$ 260 mil por mês, **muito acima** do teto constitucional: um **desrespeito às leis** que enche o bolso dos fardados

Ricardo Chapola

O silêncio dos militares diante da escalada golpista de Bolsonaro tem seus motivos. Afinal de contas, vários integrantes das Forças Armadas estão sendo muito bem pagos para aplaudir as ações do ex-capitão, por mais absurdas e antidemocráticas que sejam. Muitos militares ocupam cargos de comando em um terço das estatais administradas pelo governo federal, onde enriquecem à custa do erário. Das 46 empresas ligadas à União, 16 são dirigidas por membros do Exército, Aeronáutica ou Marinha. Nesses postos, acumulam remunerações exorbitantes e chegam a ter um faturamento mensal maior do que R$ 260 mil. Mais um favorecimento do mandatário aos amigos de farda, que hoje já somam 6.157 membros em todo o governo.

O caso mais emblemático é o da Petrobras, presidida pelo general de Exército da reserva Joaquim Silva e Luna, no cargo desde abril. Ele assumiu o posto após uma intervenção de Bolsonaro na estatal, descontente com os constantes reajustes dos combustíveis. Até então, o general recebia mensalmente uma aposentadoria de R$ 32,2 mil. De abril de 2021 até agora, Silva e Luna turbinou seus vencimentos, somando à sua conta bancária o salário adicional de R$ 228,2 mil.

Todos os militares lotados na direção de estatais possuem contracheques que desrespeitam o teto constitucional, valor máximo que um servidor federal pode receber. De acordo com a legislação, nenhum funcionário público pode ter vencimentos maiores do que R$ 39,3 mil — correspondente ao salário de um ministro do Supremo Tribunal Federal. Para ter uma explicação formal que justificasse esses pagamentos, o Ministério da Economia editou uma portaria que permite a militares da reserva que ocupam cargos no governo a acumularem as remunerações de militares aos salários nos postos no governo. Além dos dirigentes das estatais, a canetada de Paulo Guedes beneficiou diretamente outros militares do primeiro escalão, como o próprio Bolsonaro, além do vice-presidente, general Hamilton Mourão, e outros ministros militares.

GENERAL DA PETROBRAS Joaquim Silva e Luna ganha R$ 260 mil mensais

E não é só o presidente da Petrobras que está enchendo o bolso com o dinheiro público. O general de Divisão da reserva Floriano Peixoto Vieira Neto, que comanda os Correios desde junho de 2019, vem se locupletando com os recursos da União. Somando sua aposentadoria ao salário de presidente da estatal, o general fatura mensalmente mais de R$ 77 mil. Nessa mesma faixa de ganhos está o presidente da Infraero. Tenente-brigadeiro da reserva, Hélio de Paes Barros Júnior amealha rendimentos de R$ 71,9 mil em remuneração na estatal.

SALÁRIOS MILIONÁRIOS

Empresa	Dirigente	Salário
PETROBRAS	General Joaquim Silva e Luna	R$ 260,3 mil
CORREIOS	General Floriano Peixoto Vieira Neto	R$ 77,3 mil
INFRAERO	Tenente-brigadeiro Hélio de Paes Barros Júnior	R$ 71,9 mil
Casa da Moeda do Brasil	Vice-almirante Hugo Cavalcante Nogueira	R$ 71,8 mil
Finep	General Waldemar Barroso Magno Neto	R$ 69,4 mil

Francisco Magalhães Laranjeira é almirante de esquadra reformado e foi nomeado presidente da Companhia Docas do Rio um mês após o início do mandato de Bolsonaro. De lá para cá, o almirante passou a ter duas fontes de renda, que lhe garantem, todo mês, cerca de R$ 67,5 mil. Assim que assumiu a companhia, o almirante passou a distribuir cargos aos amigos da caserna. Um deles foi Marcelo Santiago Villas Bôas, filho do ex-comandante do Exército, general Eduardo Villas Bôas. Assim como Laranjeira, Villas Bôas também tem furado o teto constitucional desde maio de 2019, quando passou a receber uma remuneração de R$ 43,5 mil. Para o professor de ciência política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Lucas Pereira Rezende, Bolsonaro "suborna" os militares para conseguir sustentação dentro da caserna. "O presidente agrada os fardados por meio de aumento de rendimentos", diz. Os militares estão sendo muito bem remunerados para apoiar o governo. ■

FOTO: EVARISTO SÁ/AFP

DISPLICÊNCIA Guedes não atua para combater a inflação e quer dar calote nos precatórios

CONVERTIDOS

Para ser ministro de Jair Bolsonaro é indispensável abandonar a razão, politizar questões técnicas e defender ideias negacionistas, ultrarreligiosas, messiânicas ou simplesmente absurdas, alinhadas aos desvarios do presidente

Vicente Vilardaga

Nenhum funcionário de perfil técnico, que insista em usar a lógica ou a ciência, sobrevive ao lado do presidente Jair Bolsonaro. Para ser seu ministro é preciso abandonar a razão, desvalorizar o pensamento científico e cometer erros crassos. É o caso do ministro da Saúde, o médico Marcelo Queiroga, que insiste em lançar suspiros negacionistas em relação à vacina Coronavac, ao passaporte Covid e ao próprio uso de máscaras. O titular da Economia, Paulo Guedes, também jogou no lixo sua cartilha neoliberal da Escola de Chicago, que já não era lá grande coisa, para se alinhar de maneira vergonhosa com as idéias populistas e contraproducentes do presidente. O próprio ministro da Infraestrutura, Tarcisio de Freitas, da ala militar do governo, que está sendo processado por improbidade administrativa pelo Ministério Público Federal (MPF) por ter participado da inauguração de uma obra em Sergipe sem máscara, revela-se um sujeito ultra-religioso que faz orações antes dos eventos no Ministério e considera Bolsonaro um ser superior. Como se vê, para seguir no primeiro escalão do governo é preciso adotar novos princípios e vender a alma. Queiroga, por exemplo, encasquetou com o passaporte Covid, que começa a ser exigido em São Paulo e também será adotado no Rio de Janeiro para as pessoas comprovarem a vacinação e poderem frequentar espaços públicos. Para o ministro, a medida é inútil, embora só afete realmente quem não quer se vacinar, e Queiroga está em permanente confronto com ela, em um claro esforço para se alinhar a Bolsonaro e relaxar no controle da doença. "Já falei diversas vezes: concordo inteiramente com a fala do presidente da República. São passaportes inúteis", declarou. Outra objeção permanente do ministro é em relação à Coronavac, vacina chinesa produzida no Instituto Butantan, de São Paulo. Diante da rivalidade política entre Bolsonaro e o governador paulista João Doria, Queiroga, sempre que tem oportunidade, diminui a importância do Coronavac e elogia outros imunizantes, como o da Pfizer e da AstraZeneca. Por incrível que pareça, o ministro também trata de esvaziar a vontade coletiva de proteção e questiona o uso de máscaras.

Tarcisio de Freitas, que até há pouco tempo parecia um sujeito racional, revelou sua verdadeira face na Conferência Política Conservadora (CPAC), realizada sábado, 4, em Brasília. Sem qualquer constrangimento, o ministro da Infraestrutura declarou que Bolsonaro é um sujeito iluminado, que recebeu um toque divino. Para o ministro da Infraestrutura, o atual

O ministro da infraestrutura, Tarcísio de Freitas, promove sessões de reza entre os servidores, não usa máscara e está de olho na disputa pelo governo de São Paulo no ano que vem

NA MARRA

MITIFICAÇÃO Tarcísio de Freitas diz que Bolsonaro é um homem corajoso e "tocado por Deus"

governo chegou para se impor em um cenário de "degradação moral e valores cristãos", que ele percebia até 2019, ano da posse do chefe. Segundo ele, "dentro desse cenário de desesperança aparece uma aliança de liberais e conservadores que elegeu Jair Bolsonaro". E foi mais longe, dizendo que o presidente é "sem dúvida nenhuma um escolhido". "Se não fosse, não teria sobrevivido ao atentado. E se ele escapou por um milagre, ele tinha uma obra a fazer. Deus tocou aquele homem. Ninguém suportaria a pressão que ele suporta se ele não fosse um escolhido. Não conheci na minha vida alguém tão corajoso", afirmou em tom de desvario.

O caso de Paulo Guedes também é chocante. Não que se esperasse algum feito notável do ministro da Economia, mas seu desempenho na pasta tem sido pífio. Entre os seus desatinos está negar o descontrole da inflação, fruto de sua própria incapacidade de combatê-la, e a tentativa de dar calote no pagamento de precatórios da União, dívidas reconhecidas pela Justiça, que totalizam R$ 89 bilhões, para injetar dinheiro na campanha de 2022. Para Guedes, a inflação, um problema imediato, é só um desafio para o ano que vem. O que se vê é um ministro aturdido, que fraqueja no projeto de austeridade nas contas públicas.

Um dos motivos que leva a essa conversão destrambelhada de ministros é a vontade de contribuir para o projeto autoritário do presidente. Mas há também planos políticos pessoais. Guedes não tem intenção de se candidatar, mas Queiroga e Freitas irão disputar algum cargo. Queiroga pode sair candidato ao governo da Paraíba ou ao Senado e Freitas pretende disputar o governo de São Paulo. Não por acaso, ele estava ao lado do presidente na manifestação de Sete de Setembro. Foi, inclusive, multado por dispensar o uso de máscara. ■

NEGACIONISMO Para se manter no cargo, Queiroga ataca a Coronavac e critica o uso de máscaras e o passaporte Covid

ILUSTRAÇÃO: NILSON CARDOSO

Um banqueiro em campanha

O **presidente** da Caixa vem **usando** a estrutura da instituição para promover os programas populistas de Bolsonaro e se cacifar para as **eleições** de 2022

Ricardo Chapola

O presidente da Caixa Econômica Federal (CEF), Pedro Guimarães, abraçou de vez o bolsonarismo e vem intensificando o processo de aparelhamento político do banco público, com o objetivo de viabilizar a reeleição do presidente e dar sequência ao seu próprio projeto de disputar as eleições de 2022. "Pedrão", como é chamado pelo mandatário (outro apelido é PG2), ainda não sabe a qual cargo vai concorrer, mas ele já foi cogitado até para ocupar a vaga de vice na chapa encabeçada pelo ex-capitão. Existem, porém, alguns obstáculos que o afastam do cobiçado posto ao lado do chefe. O principal é a falta de representatividade política. Caso não seja, de fato, o escolhido para o papel de vice, Bolsonaro já avisou o correligionário de que ele terá apoio para disputar uma vaga no Senado ou até o governo do Rio. "Pedro Guimarães está deslumbrado com a proximidade que existe entre ele e o Palácio do Planalto. Há ministros que não conseguem ter o acesso que o presidente da Caixa tem a Bolsonaro", disse um ex-integrante da cúpula do banco.

Independentemente de compor ou não a chapa de Bolsonaro, o presidente da Caixa tem se empenhado em mostrar subserviência ao presidente. Na semana passada, usou o banco para comprar uma briga com a Federação Brasileira de Bancos (Febraban) em nome do capitão. O banqueiro ameaçou bancos privados ligados à entidade de perderem negócios com o governo federal caso assinassem o manifesto da entidade clamando pela harmonia entre poderes. "Pedrão" ganhou pontos com o mandatário, mas sua atitude não pegou bem na instituição. A avaliação é de que o banqueiro faz uma gestão meramente política, classificada por muitos como "nociva" aos interesses do banco.

Para turbinar a reeleição, Guimarães criou uma nova estrutura na Caixa, com 19 funcionários destacados apenas em administrar eventos dos quais o banqueiro participa, e fortaleceu a gerência promocional do banco com a criação do canal "Fale com o Presidente". Esse departamento gerou gastos extraordinários de R$ 300 mil por mês aos cofres públicos. Isso, sem contar as despesas frenéticas que Guimarães vem fazendo com o aumento de viagens pelo Brasil. Desde o início do ano, já foram mais de 100. Sua meta é visitar outros 166 municípios até o fim de 2022. Essas expedições já custaram quase R$ 4 milhões ao banco. As viagens servem para aproximar Guimarães de lideranças locais, divulgando os programas populistas do governo. Além disso, ele usa essas viagens para inaugurar agências nos rincões do Brasil, a pedido de aliados do capitão, com o objetivo de fortalecer a base governista. Em uma dessas

FOTOS: DIVULGAÇÃO

NA LAMA Pedro Guimarães (o segundo da dir. à esq.) chafurda no mangue em busca de caranguejos: garimpando votos para Bolsonaro

viagens, ele inaugurou uma superintendência da Caixa em Campina Grande (PB), base eleitoral do deputado federal Aguinaldo Ribeiro (PP-PB).

Prefeitos e governadores costumam ser convidados para essas cerimônias, sempre bastante exploradas por Guimarães. Nos eventos, o banqueiro é flagrado fazendo corpo a corpo com a população, distribuindo abraços, cumprimentos e até tirando foto com crianças, como se candidato fosse. Em uma das suas andanças, o presidente da Caixa plantou árvores, dançou em uma festa junina e até entrou em um mangue no Recife (PE) para coletar carangueijo para divertir quem o acompanhava. Essa iniciativa de Pedrão colocar o pé na estrada encantou Bolsonaro.

COOPTAÇÃO DE PMS

Nenhum outro integrante do governo participou tanto das lives promovidas pelo presidente nas redes sociais quanto o presidente da Caixa. Foram mais de 22 participações este ano, o que mostra grande sintonia entre os dois. O alinhamento é tão grande que Guimarães estuda criar um programa especial para financiar moradias aos policiais militares. A Caixa poderá bancar 100% dos valores de imóveis para membros das forças de segurança estaduais. Trata-se de uma categoria estratégica dentro do plano golpista de Bolsonaro. Vários policiais passaram a manifestar publicamente apoio ao governo do capitão, o que é proibido pelo regulamento da corporação em todas as unidades federativas do país. A cooptação dos PMS conta agora com mais um cabo eleitoral de luxo do mandatário. ■

POLITIZAÇÃO A Caixa vem abrindo novas agências nos rincões do Brasil para agradar aliados do presidente: tudo pela reeleição

A diáspo

Nunca tantos brasileiros foram morar no exterior: são 4,2 milhões só na última década. E como expressão do desalento com o Brasil, a maioria deles não têm planos de voltar

Taísa Szabatura e Vinícius Mendes

TRABALHO Thiago e Bárbara foram atraídos pelo mercado canadense de tecnologia

"Dificilmente voltaremos", é a frase mais comum de se ouvir de famílias brasileiras morando fora do País. Ela tem sido dita também porque muitas delas engrossam um dado histórico: o número de brasileiros morando no exterior nunca foi tão alto como agora, segundo levantamento feito pelo Itamaraty. Até o fim de 2020, 4,21 milhões de pessoas haviam deixado o Brasil – um aumento de 35% em relação a 2010, quando este número era de 3,12 milhões. Foi o caso de Adriana Tanzi, de 49 anos: ela não pensava em morar fora até meados de 2019, mesmo possuindo cidadania europeia. No entanto, quando o orçamento doméstico caiu, em meio à crise econômica, ela e o marido, o soldador Edson Monteiro, de 54, resolveram partir junto com a filha, Vitória, de nove anos, para a Itália. "No começo foi difícil. Nós não falamos o idioma e ainda veio a pandemia", relata. Hoje, um ano e meio depois, a situação é mais tranquila: vivendo em Mântua, na Lombardia, Edson voltou a trabalhar e Adriana já está no processo de validação de seu diploma.

A psicóloga Monise Valzacchi, de 32 anos, por sua vez, foi ao lado do namorado, o nutricionista Felipe Jorge Melo, de 31, para a Austrália em setembro de 2014, quando o Brasil já estava em crise. O objetivo inicial era estudar inglês, mas eles acabaram ficando em busca de uma residência permanente na cidade de Perth, uma das maiores do país. O processo demorou, mas saiu no começo desse ano, quando eles, enfim, compraram uma casa. Agora estão esperando a primeira filha, que vai nascer em novembro. "Nunca imaginamos que teríamos condições de comprar um imóvel como o nosso por aqui, mas deu certo", diz Monise. Já o futuro pai, engenheiro, não quer deixar mais a vida australiana. "Mesmo na hipótese de que tudo desse errado, faríamos o possível para não voltar. Desde que nós chegamos, temos o mesmo pensamento: não estamos aqui para passear".

DESTINOS BRASILEIROS

Para o antropólogo Igor Renó Machado, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o crescimento da presença brasileira no exterior se explica, principalmente, pela falta de perspectivas no País. Esse fenômeno tem se acentuado nos últimos anos. Pelo levantamento do Itamaraty, por exemplo, apenas entre 2018 e 2020, cerca de 625 mil pessoas deixaram o Brasil em direção a outros países – o que representa 14% do total de saídas nacionais em toda a década passada. "No início de 2010 havia até

FOTOS ON LINE: MÔNICA ANDRADE; FOTO: CHAM KANDANARACHCHI

r a **brasileira**

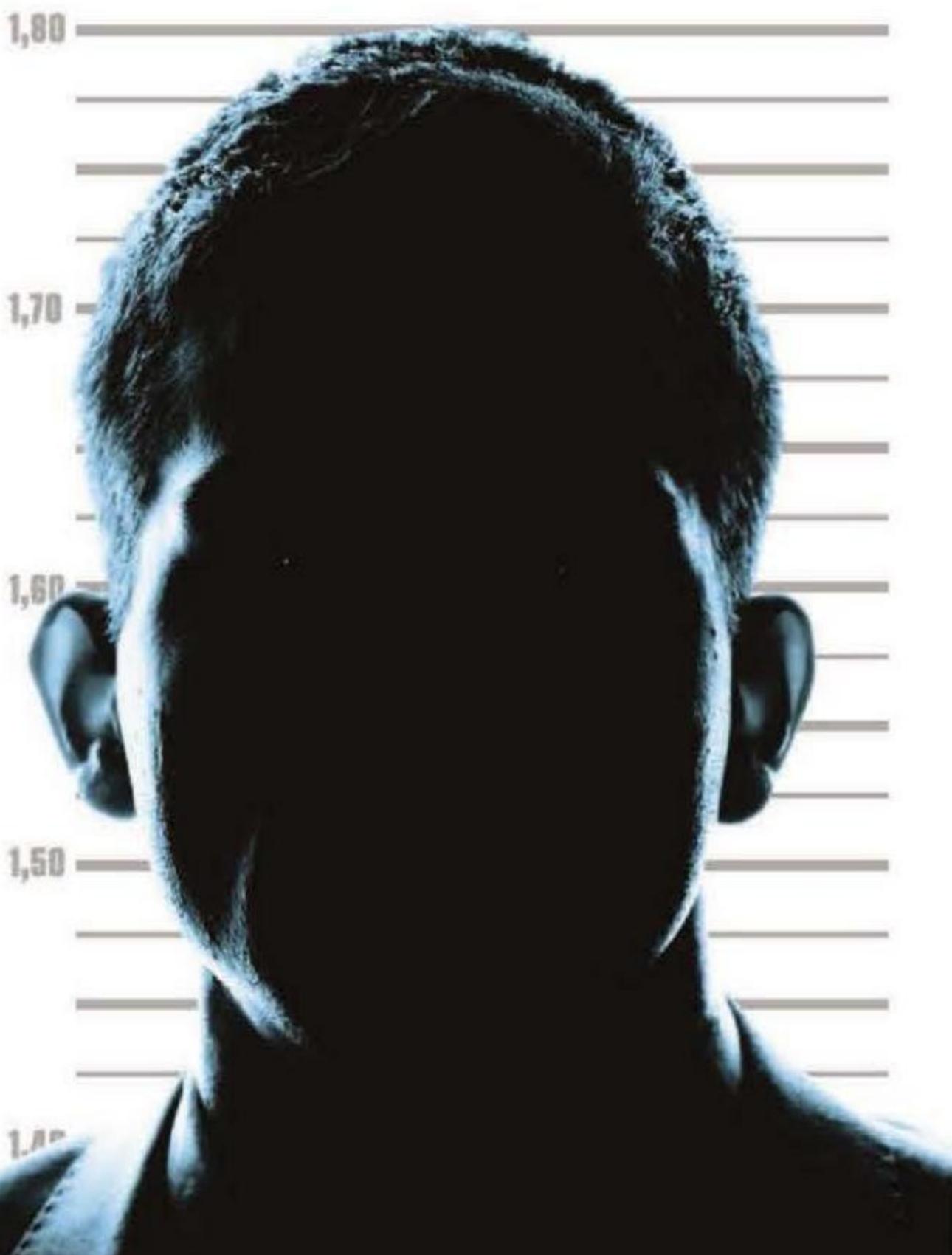
gente voltando. Mas, depois de 2016, quando as condições por aqui se deterioraram, começou uma saída violenta em busca de uma nova vida lá fora", diz. Os Estados Unidos abrigam quase metade (42%) da população. Em números absolutos, trata-se de 1,77 milhão de pessoas.

No Canadá, a ida de brasileiros capacitados, em grande parte no setor de tecnologia, é até incentivada pelo governo. Foi esse chamado que atraiu o casal de desenvolvedores Bárbara Lourenço, de 28 anos, e Thiago de Lima Pacheco, de 27, por exemplo. Quando ele conseguiu um emprego na área em Montreal, no fim de 2019, os dois se casaram correndo para terem acesso ao visto canadense. Hoje, não querem voltar. "Aqui há segurança até para esperar um ônibus à noite", justifica Bárbara. "Apesar disso, a saúde pública é mais burocrática. Eu prefiro o SUS", confessa Thiago.

Mas o fenômeno ganhou mesmo força em Portugal. O país concedeu residência a 42,2 mil cidadãos do Brasil somente em 2020, segundo números oficiais. Hoje, 183,9 mil brasileiros — quase um terço do total de estrangeiros — vivem no país europeu. "O boom dessas chegadas aconteceu entre 2014 e 2018, quando elas triplicaram", diz o advogado Felipe Tramujas, que, de Lisboa, ajuda brasileiros que buscam estabilidade em solo português. Neste período, porém, ele viu o perfil dos migrantes se transformar. "São pessoas já formadas e com filhos, sem contar o alto número de aposentados", conta.

Um desses brasileiros é o executivo William Silva, de 33 anos. Ele mandou mais de 500 currículos até conseguir ser contratado por uma empresa em Lisboa, em 2019. "Eu vivia bem no Rio de Janeiro, mas a corrupção e a violência eram intransponíveis", explica. A esposa, Bianca Costa, busca agora a revalidação do diploma, enquanto a filha, Júlia, de cinco anos, já está matriculada em uma escola pública. Nessa toada, o prefeito de Braga tem incentivado a migração brasileira como forma de lidar com o envelhecimento da população local. Logo após a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, ele escreveu um artigo que resumia esse acolhimento com um trocadilho: "Bem-vindos ao Braguil". ■

NOVA VIDA A família de Adriana Tanzi foi para a Europa depois que ficou sem renda no Brasil

MUDANÇA DE PLANOS Casal queria só estudar inglês na Austrália. Hoje, tem uma casa em Perth, na costa do país

O drama da prisão de inocentes

Pessoas vão para a cadeia por causa de erros no sistema de reconhecimento pessoal. Os mais afetados são os negros. E o cientista Raoni Barbosa tem enfrentado esse martírio

Vicente Vilardaga

O cientista de dados da IBM, Raoni Lazaro Rocha Barbosa, de 34 anos, entrou numa trama kafkiana, típica do Brasil. No último dia 17, às 6 horas da manhã, ele estava dormindo em sua casa no bairro de Campo Grande, no Rio de Janeiro, quando a polícia chegou para levá-lo. Barbosa saiu de pijama e foi imediatamente algemado, sem ser informado sobre os motivos da prisão. Em seguida foi levado para a Penitenciária de Benfica, onde está até agora, e soube que estava sendo acusado, em um inquérito iniciado pela Delegacia de Repressão ao Crime Organizado (Draco) em 2019, de participar de uma milícia privada e ameaçar e extorquir moradores da cidade de Duque de Caxias, a 40 Km de sua residência. Soube-se também que o procedimento foi baseado no reconhecimento de Barbosa em uma foto mal feita e desfocada em que aparece outro homem negro chamado Raony, com "y", conhecido como Gago. Mas nunca houve uma identificação pessoal e uma comparação das imagens dos dois indivíduos. "Não existe previsão legal de reconhecimento por foto, mas virou praxe no meio policial", diz a advogada Carolina Altoé, que defende Barbosa e entrou com um habeas corpus para libertá-lo. "A prisão de inocentes parece uma epidemia". Carolina anexou provas documentais de que ele tem emprego fixo, reside em Campo Grande e nunca morou em Duque de Caxias.

Na quarta-feira, 8, a policia admitiu o erro na prisão de Barbosa, mas ele ainda não havia sido solto. O reconhecimento equivocado de pessoas tem sido, historicamente, uma das principais causas de falhas judiciais no País. Estima-se que uma em cada quatro prisões injustas esteja associada a esse problema. Para tentar pelo menos minimizá-lo, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) baixou um portaria no dia 31 de agosto que cria um

grupo de trabalho para estudar o assunto e definir uma proposta de regulamentação de diretrizes e procedimentos de reconhecimento pessoal que possa ser aplicada pelo Judiciário e evite a prisão de inocentes. A coordenação do grupo ficará a cargo do ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Rogério Schietti Cruz, que julgou um caso desse tipo há alguns meses libertando o réu e entende que o valor probatório do reconhecimento envolve uma considerável grau de subjetivismo e potencializa falhas e distorções. "Há uma sensação geral e inequívoca de que muitos erros são cometidos diariamente e que muitos inocentes estão indo para a cadeia", afirma o advogado Hugo Leonardo, presidente do Instituto do Direito de Defesa do Direito de Defesa (IDDD). "Falamos de um gargalo judicial e precisamos, de uma vez por todas, estabelecer premissas para evitar falsos reconhecimentos."

TRAMA KAFKIANA Raoni Barbosa foi confundido com um miliciano de Duque de Caixas chamado Raony e foi preso injustamente sem qualquer motivo

O artigo 226 do Código de Processo Penal estabelece os métodos de reconhecimento pessoal, mas ele é ignorado. A polícia não tem metodologia e nem técnica para fazer uma identificação correta. E uma das consequências desse desleixo é que os negros acabam sendo sobrerrepresentados em acusações infundadas. De um modo geral, há um componente racista nesse processo investigatório, já que as pessoas negras e jovens são as mais abordadas pela polícia. Em 83% dos casos de erro, os indivíduos desse grupo étnico são culpabilizados injustamente. Em crimes patrimoniais e no tráfico, a prova fotográfica, segundo Carolina Altoé, é usada sem que haja nenhuma previsão legal para isso e com freqüência é a única prova de acusação. "Os erros que aparecem são apenas uma pequena parte dos que acontecem, que envolvem pessoas anônimas e pobres", diz o sociólogo Ignacio Cano, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e membro do Laboratório de Análise da Violência. "Há evidências de que as falhas de identificação prejudicam principalmente as minorias."

"Falamos de um gargalo judicial e precisamos estabelecer, de uma vez por todas, premissas para evitar falsos reconhecimentos"
Hugo Leonardo,
presidente do IDDD

Um relatório recém-divulgado pela Comissão Criminal do Colégio Nacional dos Defensores Públicos Gerais revela que só no ano passado houve 58 erros em reconhecimentos fotográficos no Rio de Janeiro. Mas o número está certamente subestimado. Em outros estados brasileiros a situação não é muito diferente. Formado em sistema de informação pela PUC-Rio e com especialização no Instituto de Tecnologia de Massachussetts, nos Estados Unidos, Barbosa faz, atualmente, dois cursos de pós-graduação e é empregado da IBM. Isso explica porque seu caso veio à tona. Espera-se que ele saia da cadeia a qualquer momento. Mas quem não conta com bons advogados pode passar meses ou anos na prisão, mesmo sendo inocente. É um problema terrível — capaz de transformar a vida de uma pessoa honesta em uma tragédia — e que precisa ser resolvido. ■

FOTOS: ISTOCKPHOTO; KARIME XAVIER/FOLHAPRESS; REPRODUÇÃO

O arquiteto das cores

VISIONÁRIO Artacho Jurado: empreendedor que traduzia as necessidades da burguesia

Exposição homenageia o autodidata João Artacho Jurado, adversário estético dos modernistas e que deixou para a São Paulo de hoje a herança do delicado tempo dos anos dourados

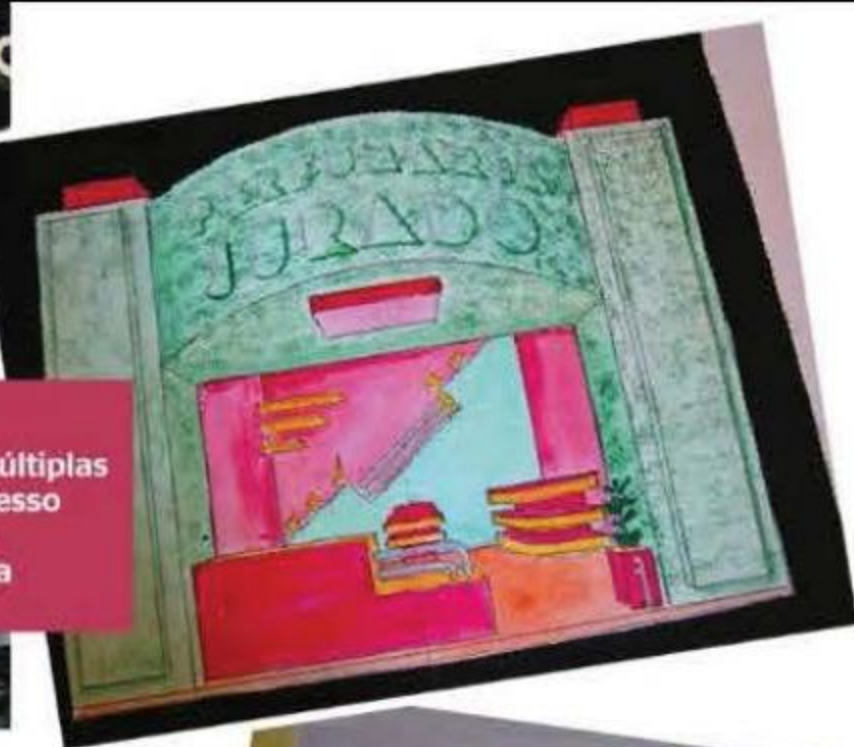
Mariana Ferrari

Não há quem ande pelas ruas de São Paulo, a maior e mais populosa capital do País, e não segure um pouco o passo para admirar o legado do arquiteto João Artacho Jurado (1907-1983) na paisagem urbana. Ainda que se tente caminhar sem muita atenção pela cidade, as cores e o avesso de uma arquitetura contemporânea puxam naturalmente o olhar. A genialidade e originalidade de Artacho não foi sempre assim. Ele, que se tornou um dos arquitetos mais conceituados do Brasil, está sendo homenageado com uma belíssima exposição na Galeria da Cidade. E virá mais uma em outubro, na Chácara Lane. Mas nem sempre tudo foram glórias na carreira de Artacho. Ele foi execrado pelos modernistas, o que naquela época, significava, trazendo para os dias atuais, a mesma febre do cancelamento e da lacração. O principal problema era o seguinte: os arquitetos modernistas privilegiavam estruturas que, apesar de erguidas com a utilização de concreto, passavam uma sensação de leveza. Artacho seguia na via oposta: a sua marca era paradoxalmente a indefinição de uma marca. Ou seja: valia-se ele de uma pluralidade de cores, em suas pranchetas os projetos se tornavam ricos em detalhes e as cores se misturavam como um pintor mescla todos os tons em uma paleta para chegar a novas colorações — tinha uma predileção pelo rosa (ainda há maravilhosos e tradicionais prédios em São Paulo com essa cor) e, em muitas situações, o combinava com o azul e amarelo. "As construções de Artacho deram origem a um novo modo de morar", diz o artista plástico e arquiteto Paulo Fernando von Poser.

Outro ponto que o deixava à margem do establishment modernista e da elite arquitetônica era a sua falta de diploma — sim, é isso mesmo, um dos maiores arquitetos do Brasil foi autodidata. "Ele não seguia a ortodoxia moderna que se praticava em São Paulo", diz Abilio Guerra, professor da FAU Mackenzie e diretor da Editora Romano Guerra, especializada em arquitetura. Nada como o tempo, no entanto, para conceder mérito a quem dele faz jus. Ao longo das décadas, suas obras transformaram-se em símbolos da boa arquitetura urbana. Dentre elas notabilizam-se verdadeiros cartões postais de São Paulo: os edifícios Bretagne, Viadutos, Saint Honore, Parque das Hortências, Louvre e Cinderela. São um respiro em meio ao cinza.

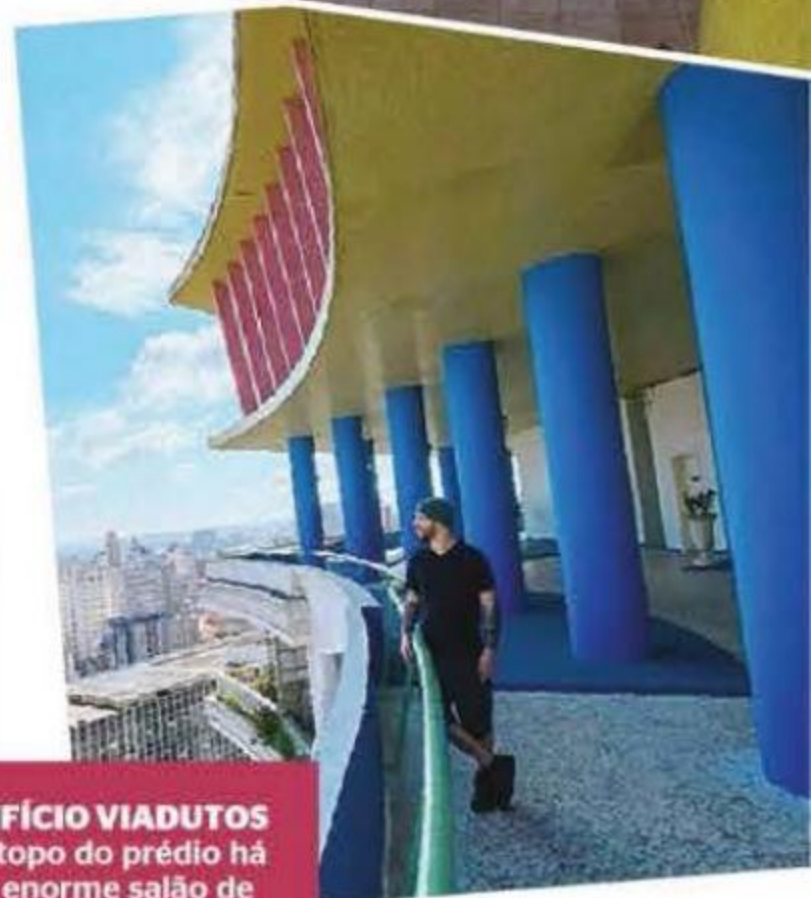
Nos anos de 1950 o mundo já vivia as primeiras consequências da chamada Guerra fria, a dividir o planeta entre os blocos capitalista e comunista, e a hegemonia dos EUA aos poucos florescia. O Brasil atravessava seus boêmios e descontraídos e delicados e amorosos anos dourados, com João Gilberto na bossa nova, Juscelino Kubistchek na política, as moças a namorarem à noite em boates ou carros conversíveis ao som de Frank Sinatra. Entrava em cena o American Way of Life e Hollywood ditava o estilo de vida para o planeta. O charme das frasqueiras era um acessório indispensável para as moças e seus cabelos em formato de colméia se sustentavam sobre armações de Bombril. Artacho entendeu o recado e fez de suas obras um grande desejo da burguesia, levando aos seus condomínios

FOTOS: DIVULGAÇÃO/ESCOLA DA CIDADE; DIVULGAÇÃO EXPERIEMENTE SP

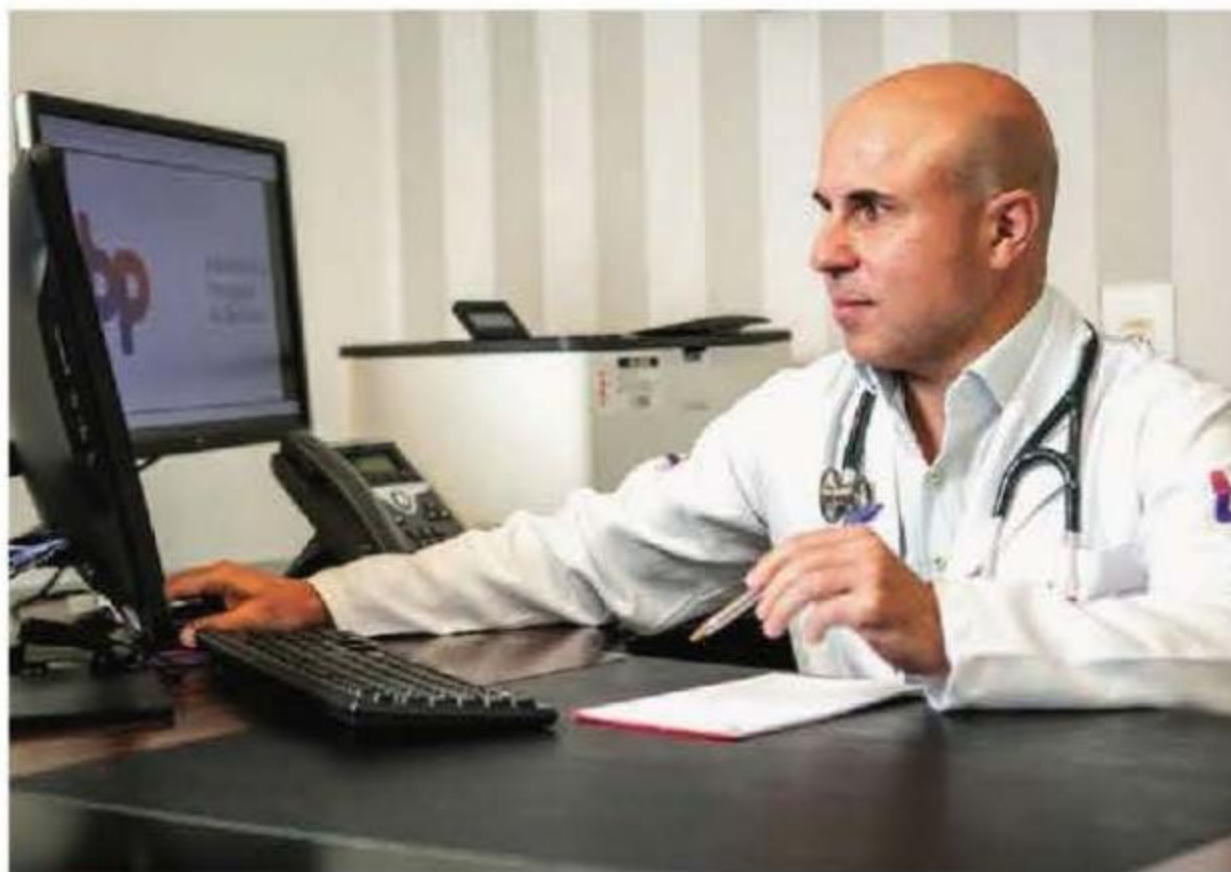
IDENTIDADE
Prédios com múltiplas referências: avesso da arquitetura contemporânea

um pouco do que se via dentro dos palacetes da Velha República dos barões do café, que foram colocados abaixo com o avanço da urbanização. "São formidáveis na relação das pessoas com as cidades", diz Guerra. O arquiteto, agora homenageado, foi também um dos pioneiros no que hoje conhecemos como área de lazer em condomínios. O Edifício Bretagne, inaugurado em 1959, por exemplo, fez-se o primeiro em São Paulo a ter uma piscina. E os andares térreos começaram a ser ocupados não por apartamentos, mas, sim, por espaços de convivência. O topo das construções era, muitas vezes, destinado a enormes salões de festa, com formas arredondadas e cores. Sempre muitas cores! As formas, as cores e a excentricidade transformaram a cidade, e se sobressaem diante de outros prédios menos chamativos.

Não tem como negar que o sucesso dos empreendimentos foi atingido por um intenso trabalho de marketing. Para compensar os custos do condomínio e não afastar os compradores, ele instalava painéis luminosos ao alto dos edifícios e os alugava para a publicidade - chamados, naqueles tempos, de "reclames", que, nos versos do então em voga Orestes Barbosa, "eram os impulsos nervosos, dos anúncios luminosos, que são a vida a mentir". As pessoas começaram a comprar rapidamente os apartamentos. Após a inauguração, as unidades esgotavam-se em semanas. Era uma jogada empresarial, claro, mas que estava à frente do tempo e vestia feito luva nas necessidades da época. Para que se tenha noção do dimensão de suas construções, o edifício Viadutos, localizado no bairro da Bela Vista, em São Paulo, possui doze elevadores.

Somente pela paixão dos moradores dos prédios, Artacho conquistou o respeito da academia – ele gostava de despertar a ira em seus colegas ao deixar gravado nas placas de seus empreendimentos, em letras garrafais, o seu nome ao lado do engenheiro responsável pela obra. O Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, o CREA, havia lhe imposto: sua assinatura não podia chamar mais atenção que a do engenheiro responsável. Recomendação nunca seguida pelo arquiteto autodidata. Até hoje, quem vive em tais obras artísticas, não a troca por nada – afinal, fachada colorida tende a colorir também o no nosso interior. ■

PIONEIRISMO
Parque das Hortênsias: valorização das áreas em comum dentro dos condomínios

EDIFÍCIO VIADUTOS
No topo do prédio há um enorme salão de festas: inspiração no America Way of Life

Uma terapia para derrotar o câncer

Medicamentos orais representam maior certeza de bons resultados — com menos efeitos adversos e menor desconforto ao paciente

COMBATE No hospital, o oncologista Fernando Maluf dedica-se a encontrar a melhor estratégia para enfrentar o tumor: as opções aumentaram com exames biomoleculares

Fernando Lavieri

Todas as enfermidades necessitam de tratamentos que sejam eficazes e deem ao paciente o menor desconforto físico e emocional possível. Isso se torna ainda mais importante nos diversos tipos de cânceres, patologia que, muitas vezes, continua sendo concebida pelo seu portador como se fosse uma irrevogável sentença de morte. O doente necessita ser cercado de fatores que lhe transmitam ânimo e energia - médicos e cientistas, melhor que ninguém, sabem disso. Na área dos males relacionados à oncologia, a boa notícia é que as prolongadas sessões de radioterapia e quimioterapia, a exigirem que a pessoa vá a hospitais ou clínicas e arque com efeitos colaterais que vão da sensação de cansaço à profunda depressão, estão ficando distantes. Cerca de 70% dos tratamentos são atualmente realizados por meio de comprimidos: é uma forma de imunoterapia olhada com bastante otimismo por estar produzindo resultados positivos a cada novo remédio que se descobre.

LINHAS DE TRATAMENTO

Regina Cabral, 67 anos, professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais, controlou um câncer pelos métodos tradicionais. Deu certo. Os médicos entraram então com tratamento à base de comprimidos para evitar que houvesse recidiva (a volta do câncer). Essa forma de terapia visa a bloquear a mutação do tumor, impedindo o seu crescimento e decorrente disseminação (metástase). Regina vale-se desse remédio para levar atualmente uma vida normal. Segundo Fernando Maluf, diretor médico associado do Centro de Oncologia e Hematologia do Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo, as drogas orais são uma realidade contra os tumores importantes, a exemplo de tireóide, pulmão, mama, intestino, bexiga e rim. "É o bom resultado clínico aliando-se a uma vida menos incômoda para o portador de câncer", diz Maluf.

Um exemplo de que essa prescrição terápica veio para ficar, e se aprimora, foi apresentando no Congresso Norte-Americano de Oncologia Clínica: dois anticancerígenos orais impediram o retorno de um câncer de tireóide refratário ao tratamento tradicional com iodo radioativo. O leque de novas opções de combate a neoplasias é amplo e métodos diferentes de tratamento podem ser combinados sem prejuízos maiores ao organismo humano. Uma das opções é a análise molecular, por meio da qual se visualiza todas as alterações e mutações microscópicas que a célula cancerígena apresenta. "Com os marcadores biomoleculares podemos escolher de forma mais assertiva a droga que o paciente deve tomar. É possível dizer com maior precisão qual remédio melhor atuará", diz Maluf. ■

PRINCIPAIS INOVAÇÕES

Terapia-alvo

A medicação é capaz de interromper a mutação da célula

Biomarcadores de diagnostico

O exame permite ao médico prescrever de forma mais assertiva

Radiofármacos e imunoterapias

Os radiofármacos são medicamentos que aderem ao tumor, destruindo-o

FOTO: GABRIEL REIS

Arte italiana em turnê

Museu de Florença empresta grandes obras de arte para pequenas cidades da Toscana, com o intuito de retomar o turismo perdido com a pandemia

Fernando Lavieri e André Lachini

O museu da Galleria degli Uffizi, em Florença, é o maior da Itália - sem contar os Museus Vaticanos. Como parte de um esforço para valorizar o patrimônio artístico da região da Toscana, os Uffizi farão cinco exposições, com parte do seu gigantesco acervo, em outras cidades vizinhas. O acervo raramente deixa o prédio no centro de Florença, construído pelo duque Cosme I de Medici, em 1570. A iniciativa da Toscana lembra outros esforços que o governo italiano tem feito recentemente para proteger o gigantesco patrimônio cultural do país e voltar a atrair turistas. Há grandes projetos de restauração em andamento, como o do Mausoléu do Imperador Augusto, do Século I d.C., reaberto em Roma, além da reforma do Coliseu.

Quando o diretor Eike Schmidt divulgou o projeto "Uffizi Espalhado", ele não imaginava a imensa quantidade de e-mails, cartas e telefonemas que passaria a receber de autoridades locais, prefeitos e diretores de arte. As cidades pequenas anseiam por receber os quadros dos mais renomados pintores do Renascimento para aumentar a quantidade de turistas e, assim, retomar o faturamento dos hotéis e restaurantes. "Botticelli, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Caravaggio e Ticiano, os maiores do Renascimento, estão nos Uffizi", diz Maria Izabel, professora de história da arte da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP).

SOB A LUZ TOSCANA O castelo de Poppi, com quadro dos Uffizi (acima); abaixo, o pátio do palácio construído por Cosme I de Medici

Segundo o museu, o programa vai se estender por dois anos. Até agora, 60 municípios já se inscreveram para receber as obras. Antes da pandemia, cerca de 12 mil pessoas visitavam os Uffizi por dia. Agora, com o arrefecimento da Covid-19 devido à vacinação, a tendência é que o museu e suas novas "filiais" retomem a frequência.

Alguns municípios que já receberam quadros são pequenos vilarejos como Castagno d'Andrea, terra natal do pintor Andrea Del Castagno (1421-1457), e as cidades de Vinci e Poppi. Em Poppi, há um castelo medieval que é um requisitado ponto turístico. Vinci, que se localiza entre Florença e Pisa, já recebeu temporariamente obras dos Uffizi. Há dois anos, para comemorar o quinto centenário da morte de Leonardo da Vinci (1452-1519), o cidadão mais famoso de Vinci, os Uffizi enviaram um quadro para a cidade: uma paisagem do lugar, com um moinho, feita pelo mestre no fim no século XV. ■

FOTOS: MUSTAFACAN/ISTOCK PHOTO; REPRODUÇÃO

EMPENHO Ricardo Macedo voa para não perder a jogada: diversão garantida

O FENÔMENO DO Beach tennis

O popular tênis de praia é uma modalidade esportiva de longa tradição no Brasil, mas agora virou uma febre nas cidades, principalmente em São Paulo, onde o jogo atrai cada vez mais adeptos e se multiplicam as quadras exclusivas

Fernando Lavieri

A cidade de São Paulo já foi caracterizada como "selva de pedra" devido à quantidade de arranha céus que moldam sua paisagem. Entretanto, dentro da cinzenta metrópole criam-se alternativas agradáveis de diversão. Melhor, a nova praia dos paulistanos é a quadra de areia de beach tennis ou tênis de praia. Modalidade esportiva de fácil adesão e democrática tem basicamente as mesmas regras do tênis tradicional. Os praticantes e instrutores afirmam

FOTOS: GABRIEL REIS

que não é necessária experiência ou habilidade para começar a jogar, basta inscrever-se em academias e clubes poliesportivos, grandes e pequenos, que estão abrindo quadras de areia praticamente todos os dias. Para se ter ideia do tamanho do interesse que o esporte desperta entre os paulistanos, apenas em agosto, foram abertas 70 quadras exclusivas para categoria na cidade. Além de ser uma atividade esportiva de qualidade para pessoas de qualquer idade, o tênis de praia, aperfeiçoamento do popular frescobol, cuja invenção é atribuída ao escritor Millôr Fernandes, é uma divertida opção de entretenimento.

PARA ESQUECER DA POLÍTICA

Um local onde a nova atividade prospera é o Anália Beach, no bairro do Tatuapé. A estrutura fica dentro do clube Sete de Setembro e há três quadras de areia disponíveis. "Venho aqui para desestressar e socializar", diz o comerciante Carlos Eduardo, 54. Ao caminhar pela calçada que dá acesso às quadras é perceptível o clima festivo que toma conta do lugar. Crianças fazendo castelos de areia com a ajuda dos pais, jogadores consumindo comidas saudáveis e litros de água gelada para aliviar o calor. Quem chega à arena, cumprimenta as outras pessoas presentes como se fossem parentes. "Vamos passar o dia aqui, esse é o nosso point. Colocamos o papo em dia, almoçamos e jogamos juntas", conta a engenheira civil Eduarda Barreto, 30, que divide descontraidamente a mesa e a quadra com as amigas, a produtora de eventos Allana Seba, 32, e a bancária Silvia Fusco, de 33 anos. A data da comemoração da Independência foi de alta efervescência política, mas a turma do beach tennis não estava nem um pouco preocupada com o que acontecia fora das quadras. "Aqui é o nosso local de alívio da política e da pandemia", disse o empresário Nivaldo Brito, de 55 anos, que acabava de disputar uma partida ao lado do filho, Enzo, 16, que, como outros jovens da mesma idade, sonha em ser profissional de beach tennis.

DEDICAÇÃO Carla Garcia é iniciante no beach tennis: mas vai usar as habilidades adquiridas com tênis tradicional

AMIZADE Eduarda Barreto, Allana Seba (a esq.) e Silvia Fusco aproveitam o feriado de Sete de Setembro: clima de praia

O investimento para a criação de um negócio de beach tennis varia entre R$ 600 mil e R$ 1 milhão, dependendo da localidade e do tipo de areia escolhida. No caso do Anália Beach, a areia não esquenta. O tipo de iluminação colocada também pode encarecer o negócio. "Temos 250 jogadores e a procura só aumenta", conta Flávio Sarpi, dono do local. Além do tênis de areia, o futevôlei e o vôlei de praia também podem ser praticados. Apesar de o jogo ser realizado em um espaço ao ar livre, a pandemia comprometeu a prática esportiva, que só começou a se recuperar com a ampliação da vacinação em São Paulo. O complexo praiano Posto 11, em Santana, por exemplo, passou de dois para cinco unidades em 2021. Além disso, houve um crescimento de 400% no número de alunos de tênis de areia. "O beach tennis foi a modalidade que mais cresceu proporcionalmente no Posto 11", afirma Gabriel Cunha, dono do clube. "Antes da pandemia, a modalidade representava 5% entre os nossos alunos e hoje já alcança 29%."

Em todo o mundo há algo em torno de um milhão e meio de atletas. No Brasil, inscritos na Confederação Brasileira de Beach Tennis (CBBT), existem aproximadamente 200 mil jogadores. Quanto aos espaços para a prática, em todo o estado de São Paulo, há 700 quadras de beach tennis. Na capital, há mais de 250. "Só em agosto, foram abertas setenta quadras de beach tennis na cidade", afirma Jorge Bierrenbach, diretor executivo da CBBT e supervisor da IFBT na América do Sul. O dirigente conta que a entidade tem dezessete federações espalhadas pelo País e que o campeonato brasileiro da modalidade vai acontecer entre os dias 2 e 5 de dezembro, em Porto Seguro, na Bahia. "O Brasil é uma potência em beach tennis e, no ano que vem, teremos, pelo menos cem torneios", diz. ■

O NOVO PARAÍSO DOS CASSINOS

Liechtenstein, pequeno território entre a Suíça e a Áustria, é conhecido por seus castelos medievais e sua natureza exuberante. Porém, com a abertura de gigantescas casas de jogos, pode superar Mônaco e até Las Vegas no mundo das apostas

Taísa Szabatura

GIGANTE
O Gran Casino, inaugurado em 2019, possui 292 caça-níqueis e 29 mesas de jogos

Quando se pensa em turismo na Europa, o pequeno principado de Liechtenstein quase não passa pela cabeça dos brasileiros. Localizado na região dos Alpes, entre a Suíça e a Áustria, possui apenas 25 quilômetros de distância entre esses dois vizinhos – ou seja, é possível passar por três fronteiras diferentes em meia hora de carro. Para se ter uma ideia de seu real tamanho, a área total do território é de apenas 160 km², sendo menor que a do principado de Mônaco – a população não chega a 40 mil habitantes. Relíquia da história medieval europeia, Liechtenstein é repleto de castelos, áreas rurais e montanhas – contudo, algo começou a mudar em 2017 – ano em que a região começou a permitir o funcionamento de cassinos físicos. Hoje, há cinco deles e o projeto para a construção de mais cinco. O fenômeno parece ter vindo para ficar e há quem veja nisso um ótimo investimento, enquanto outros – principalmente os moradores e pequenos comerciantes – se perguntam se essa mudança brusca dos atrativos turísticos poderá afetar a identidade de Liechtenstein.

A última inauguração foi a do Grand Casino, em 2019, localizado imediatamente ao lado da fronteira com a Suíça, e considerado o maior do principado. Ao contrário das construções

FOTOS: LAETITIA VANCON/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA; ISTOCKPHOTOS; JOEL AND AMBER PHOTOGRAPHIA; DIVULGAÇÃO

como Las Vegas, Macau e Mônaco, o prédio é todo cinza, sem fontes exuberantes de água ou letreiros espalhafatosos. Pelo lado de fora, poderia ser considerado até uma fábrica. Lá dentro, porém, há quatro andares distribuídos em 7 mil m² oferecendo todo o clima de um bom cassino: luz baixa contrastando com o neon das 292 máquinas de caça-níqueis e 29 mesas de jogo. Possui ainda bares, restaurantes e até o próprio hotel. Quem quiser ficar só na jogatina, nem precisa sair do lugar. O fluxo de carros pela região é constante e os suíços, segundo dados do próprio cassino, são a grande maioria. Estatísticas do governo local apontam que em 2020, ano da pandemia, 400 mil pessoas passaram pelos cassinos de Liechtenstein. O sucesso é inegável. Mas afinal, o que atrai tantos visitantes? Além das curtas distâncias e da discrição dos locais, há um menor controle sobre os jogadores, que se sentem à vontade longe de seus conhecidos.

Na Suíça, por exemplo, há ainda a fiscalização sobre as pessoas que podem ser consideradas viciadas ou que jogam além de sua capacidade financeira. Em Lichtenstein não há nada disso. A mentalidade de "livre-mercado" e até a de "paraíso fiscal", faz com que as regras sejam mínimas. Até o momento, não há nenhuma lei que restrinja quantos cassinos podem ser abertos. Mas qual o limite que o território consegue absorver? O Instituto Liechtenstein, uma espécie de ONG que coordena atrações turísticas e atividades culturais do local, preocupa-se com essa escalada dos jogos, até porque o principado já foi alvo de grandes escândalos financeiros envolvendo lavagem de dinheiro, algo frequente quando o assunto é cassinos.

Em 2020, mesmo com as restrições da pandemia, os cassinos do lugar receberam 400 mil jogadores

A vice-primeira-ministra do principado, Sabine Monauni, é clara em sua posição contrária ao surgimento de tantos cassinos. Em um jornal local, disse que é preciso que o mercado seja regulamentado através de leis criadas no Parlamento "para não nos tornarmos a próxima Las Vegas", algo que vai contra a vontade dos moradores. Embora tenham o poder de fazer o dinheiro circular e gerar empregos, é preciso cautela – se os jogadores não se hospedam ou gastam dinheiro na região – faz pouco sentido ver a paisagem natural e feudal ser invadida por gigantescas construções. Por enquanto, todos os cassinos de Liechtenstein são de investidores estrangeiros, mas isso, claro, é um problema do governo. Para quem gosta de jogar o lugar é o novo paraíso na Terra e está localizado no coração da Europa. ■

RESIDÊNCIA FEUDAL O Castelo de Vaduz abriga Hans-Adam II, o príncipe soberano de Liechtenstein

PEQUENO, MAS GRANDIOSO

400 MIL Número de pessoas que passaram pelos cinco cassinos só em 2020

160 km² O principado é um dos menores territórios do mundo com 40 mil habitantes

SÉCULO XV Há seis séculos Liechtenstein é comandado pela mesma família. O governo é absolutista: o príncipe pode dissolver o parlamento quando quiser

PIONEIRO O cassino Admiral Ruggel foi aberto em 2017 e ainda faz sucesso por sua localização às margens do Rio Reno

VOLTA NO TEMPO Caminhar pelas ruas do principado é sentir a presença do passado rural da Europa. Vai virar Las Vegas?

A história em um pedaço de papel

O passado de países que deixaram de existir é contado por meio de selos que sobreviveram ao tempo

Mariana Ferrari

Quando se usa a expressão "uma imagem vale mais que mil palavras" não é comum vir à mente que tal imagem possa ser o selo de um país inexistente. Mas um pequeno pedaço de papel é capaz, sim, de contar a história de nações que pouca gente conheceu e que não existem mais. Vale, entre tantos exemplos, o do Estado Livre de Danzig, que se localizava onde hoje está a Polônia. Existiu somente por dezenove anos e foi aniquilado quando as tropas nazistas de Adolf Hitler o invadiram e o baniram do mapa-múndi, na Segunda Grande Guerra. Um simples selo pode, dessa forma, preencher lacunas de registro e conhecimento histórico. Esse é o objetivo, muito bem cumprido, do livro "Lugar Nenhum - um atlas de países que deixaram de existir" (editora Rua do Sabão), escrito pelo norueguês Bjørn Berge e recém-lançado no Brasil. A obra tem, portanto, a finalidade de contar, por meio de selos que sobreviveram ao tempo, abrangendo o espaço que vai de 1840 a 1975, o passado de nações extintas.

O Estado Livre de Danzing, antes de ser tomado pelos alemães, era dominado por poloneses — e, por isso, seu selo marca a acirrada disputa entre administradores e a população em geral. Contém o desenho de um navio, remetendo a sua tradição portuária, e, nele, lê-se "Correio Polonês". "Apesar de curta, a obra transmite conhecimento sem ter o tom acadêmico", diz o tradutor Leonardo Pinto da Silva.

Também há no livro histórias de países que mal chegaram à infância, mas, mesmo assim, mudaram a organização social de suas épocas. É o caso da gigante República do Extremo Oriente (seu território era cinco vezes maior que o da Alemanha e ficava no lado leste da Rússia), que durou apensa dois anos. O selo da coleção de Berne eterniza esse Estado, fundado por socialistas liberais e que chegou a ser reconhecido pela extinta União Soviética. Com tal reconhecimento diplomático, a comunista e autoritária ex-URSS queria dar a si uma aparência democrática. No selo da República do Extremo Oriente há uma âncora e um martelo sobrepostos, nítida referência ao símbolo comunista no qual, em lugar da âncora, há uma foice. Ao unir a paixão pela filatelia à paixão por países extintos, o escritor Berge torna-se um original professor de história de diversos períodos geopolíticos da humanidade. Faz trinta anos que ele roda o mundo, de ceca a meca, nessa missão. ■

QUATRO EXEMPLOS
1 - *Selo de Biafra* — com a população em meio à grande miséria, sobreviveu de 1967 a 1970
2 - *Selo de Inini* — surge como país em 1931. Após a II Guerra, resistiu apenas um ano: some em 1946
3 - *Selo de Kasai do Sul* — o governo autoritário trucidou opositores políticos. Existiu entre 1960 e 1962
4 - *Selo de Yafa Superior* — Localizava-se no Golfo de Aden, no Oceano Índico. Durou de 1800 a 1967

JORNADA Bjørn Berge: pesquisa minuciosa ao longo de trinta anos

FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

Sinfonia **artificial**

A partir de fragmentos deixados por Beethoven, musicólogo suíço completou a "Décima Sinfonia" do compositor alemão por meio de um software de inteligência artificial

Felipe Machado

Pouco antes de morrer, em 26 de março de 1827, Ludwig van Beethoven trabalhava no projeto que viria a suceder sua criação mais brilhante, a Nona Sinfonia. A monumental obra-prima em ré menor era revolucionária não apenas por sua sequência harmônica incomparável, mas pelo uso de um imenso coral de vozes, algo nunca feito antes em uma sinfonia. O que um revolucionário como Beethoven poderia fazer para se superar? Quais surpresas ele apresentaria em sua Décima Sinfonia?

Foi a partir dessa especulação que musicólogos ligados à orquestra Nexus, na cidade de Lausanne, Suíça, realizaram o experimento "BeethovANN Symphony 10.1". A partir das anotações do compositor encontradas em sua casa em Viena, na Áustria, onde vivia na época de sua morte, a equipe do programador e violoncelista Florian Colombo desenvolveu um software para completar a obra do gênio alemão por meio de inteligência artificial. O nome "BeethovANN" vem da sigla "Artificial Neural Network" (rede neural artificial), referência ao programa que "compôs" a obra.

"É uma experiência emocionante para mim", disse Colombo, aos sons do primeiro ensaio em que a orquestra Nexus tocou a obra, que tem duração de cinco minutos. "Há um toque de Beethoven, mas é realmente BeethovANN. Descobrimos algo novo." Após o ensaio, o maestro Guillaume Berney fez alguns ajustes e a obra foi apresentada ao público pela primeira vez na quinta-feira 2. "Funciona", afirmou o maestro. "Há algumas partes muito boas, outras nem tanto. Talvez falte a faísca da genialidade", concluiu.

INOVAÇÃO Músicos da orquestra Nexus, em Lausanne, assistem à apre

Colombo desenvolveu seu algoritmo usando o conceito de "deep learning", técnica da inteligência artificial que ensina computadores a pensar por conta própria reproduzindo as estruturas do cérebro humano. Para gerar um arquivo digital em áudio que simulasse uma criação de Beethoven, por exemplo, o musicólogo alimentou o computador com as 16 peças para quarteto de cordas compostas pelo alemão, instruindo a máquina sobre o estilo de Beethoven em termos de melodia e estrutura harmônica.

Colombo, então, inseriu os dados sobre os fragmentos da "Décima Sinfonia", encontrados nos rascunhos que Beethoven deixou ao morrer. A partir daí, solicitou que o computador preenchesse as lacunas com as melodias inspiradas nos quartetos de corda. O pesquisador, que levou quase uma década para desenvolver o sistema, afirma que usar um computador para tentar recriar algo iniciado por um dos maiores gênios da música não é uma interferência no processo criativo humano. "Não considero isso uma blasfêmia", afirmou, já antecipando possíveis críticas dos mais tradicionalistas. "Ninguém está tentando substi-

FOTOS: FABRICE COFFRINI/AFP; WIKIMEDIA/COMMONS

sentação do projeto feito pelo programador e músico Florian Colombo

Quartetos de corda de Beethoven foram inseridos no computador para que a máquina criasse melodias semelhantes

ALGORITMO Partitura digital: algoritmo usou o conceito de "deep learning", técnica que ensina computadores a pensar por conta própria reproduzindo as estruturas do cérebro humano

tuir Beethoven." Segundo ele, o próprio Beethoven teria aprovado o projeto. "Os compositores da época eram todos de vanguarda. Estavam sempre dispostos a adotar novos métodos."

CRIATIVIDADE DIGITAL

Não é de hoje que a inteligência artificial tem sido usada para simular criações humanas. Na própria música clássica, isso já havia sido feito antes: em 2019, a empresa chinesa Huawei patrocinou a criação de um software para concluir a "Sinfonia no. 8", a famosa "Inacabada", de Franz Schubert.

Na Coreia do Sul, outra empresa de telefonia usou o mesmo método para recriar a voz de Kim Kwang-seok, um cantor morto há 25 anos e muito popular no país. Para realizar o projeto, o computador foi alimentado com 700 canções de artistas diferentes, para compreender nuances de vozes, afinação e ritmo. Depois desse processo, foram inseridas 20 músicas cantadas por Kim Kwang-seok para que a máquina pudesse simular sua pronúncia e trejeitos vocais. O resultado foi positivo — e o projeto foi bem recebido pelos fãs do cantor. ■

EM HARMONIA O maestro Guillaume Berney e Florian Colombo: "o que fizemos não é uma blasfêmia:

por Taísa Szabatura

Gente

Juliette e Anitta, o show das poderosas

O fenômeno brasileiro chamado **Juliette Freire** finalmente abraçou a carreira musical. Com a ajuda de ninguém menos que a cantora Anitta, coprodutora das cinco músicas dessa estreia artística da advogada e influenciadora, Juliette já acumula recordes: foram 5,9 milhões de streams em apenas 24 horas. As celebridades foram só elogios: a jogadora Marta, a atriz Marina Ruy Barbosa e os novos colegas de profissão Carlinhos Brown e Ivete Sangalo felicitaram Juliette pelo sucesso. "Arrase! Deus contigo e todos os anjos lhe conduzindo!", desejou Ivete em um dos 74 mil comentários que a postagem de Juliette teve no Instagram. E isso é só o começo: o videoclipe de "Diferença Mara" traz elementos da terra natal da paraibana para falar de amor, com direito a beijo gay e menções a Deus. Ao gerar polêmica, Juliette consegue sempre o mais importante: aumentar o seu enorme ibope.

Amizade arriscada

Quando o cantor norte-americano **Drake** lançou seu novo álbum, "Certified Lover Boy", descobriu que um detalhe não agradou em nada a sua base de fãs. Uma das canções leva o crédito de R. Kelly, rapper que enfrenta acusações de abuso sexual nas cortes americanas. O problema é que a tal canção, "RTU", poderia render dinheiro para o músico que aguarda julgamento na cadeia sem direito à fiança, ajudando financeiramente em sua defesa. O produtor de Drake, Noah Shebib, tentou se explicar e disse que a referência é muito discreta. "Atrás daquele trecho, que você mal consegue ouvir, está uma música de R. Kelly tocando ao fundo", justificou Shebib em uma rede social. Apesar do mal entendido, ninguém pode questionar a popularidade de Drake: o disco já é um dos mais ouvidos nas plataformas digitais dos EUA.

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM

Brad Pitt na Suprema Corte

A disputa judicial entre Angelina Jolie e **Brad Pitt** pela guarda dos seis filhos segue a todo vapor. Pitt acusa a ex-mulher de ter agido de má fé ao pedir para substituir o juiz que julgaria o destino dos adolescentes. Ela, por sua vez, alega que o magistrado John W. Ouderkirk já havia trabalhado com advogados que fazem a defesa do ator. Essa informação, porém, era conhecida, e Angelina só teria entrado com a ação em cima da hora para atrasar o processo. O ator foi à Suprema Corte pedir a recondução do juiz ao caso. A atriz recusa a guarda compartilhada e acusa Pitt de violência doméstica, episódios que teria enfrentado ao lado das crianças. Os detalhes dessa confusão ainda seguem sob segredo de justiça.

Ensaios perfeitos

Seis meses após a chegada de seu primeiro filho, a modelo britânica **Emily Ratajkowski** já está de volta à passarela. E com pouca roupa, para o choque — e alegria — de seus admiradores. Com o corpo que a transformou em uma das mulheres mais desejadas do planeta, Emily participou da terceira edição do desfile "Savage x Fenty". A tão aguardada apresentação anual da marca de lingerie da cantora Rihanna acaba de ser filmada e estreará globalmente na Amazon Prime Video no próximo dia 24. A modelo tem ainda outra novidade, o lançamento de um livro de ensaios chamado "My Body" ("Meu Corpo"), ainda sem previsão para sair no Brasil. A obsessão do público por sua fisionomia, aliás, começou depois da sua aparição no polêmico videoclipe "Blurred Lines", do cantor Robin Thicke, em 2013.

Casal 20 do Festival de Veneza

Zendaya não pára. Quando não está dublando o novo "Space Jam", está gravando a nova temporada de "Euphoria". Pode ainda estar nas filmagens do novo "Homem-Aranha" ou em sessões de fotos para capas de revistas. Essa semana ela deu uma pausa para divulgar um longa gravado antes da pandemia: "Duna", que estreou no festival de cinema de Veneza. No tapete vermelho, posou ao lado do ator **Timothée Chalamet**, de quem seria "grande amiga". Apesar de ter sido vista beijando o ator Tom Holland em agosto, Zendaya parecia estar em "total sintonia" com Chalament na Itália.

A filha de "El Presidente"

Os rumores de uma carreira internacional da ex-atriz mirim **Polliana Aleixo** começaram quando ela revelou à ISTOÉ, em maio, que estava "gravando uma série no Uruguai", mas que não poderia "dar detalhes". O trabalho em questão é a nova temporada de "El Presidente", sucesso da Amazon Prime Video. Na produção, a artista interpreta a filha do ex-presidente da FIFA João Havelange, interpretado pelo ator português Albano Jerónimo, um dos galãs da série "Vikings". Para Polliana, porém, trabalhar com o roteirista argentino Armando Bó, vencedor do Oscar de Melhor Roteiro Original por "Birdman", foi a experiência mais legal do trabalho. "Ele enxerga a cena como um pintor que olha para uma tela em branco e consegue imaginar o quadro pronto. Ele parava no canto do cenário e ficava observando por um tempão", diz.

FOTOS: MATT WINKELMEYER/GETTY IMAGES VIA AFP; THE GROSBY GROUP/BACKGRID; MATTEO CHINELLATO/NURPHOTO VIA AFP; MAJU MAGALHÃES

ARTE
EM
CENA

O TROPEÇO DO AGRO

Queda de 2,8% no PIB do setor acende o alerta para as perspectivas de retomada econômica. O campo deveria puxar a expansão após a pandemia, mas sofreu com a estiagem histórica e a alta do dólar

Vinícius Mendes

Com 45 mil hectares (63 campos de futebol) de área dedicada à plantação de milho, Palotina, no interior do Paraná, entrou no mapa do agronegócio nos últimos anos pelos seus recordes de colheita do cereal — que é usado tanto como ração pela pecuária como serve de base de muitos alimentos e bebidas feitos para humanos. No começo de 2020, ela descobriu que havia entrado para o seleto grupo de cidades que exportam mais de R$ 1 bilhão em produtos agrícolas, e esse número se refletiu meses depois no caixa de uma das cooperativas locais, a C.Vale, cujo crescimento das receitas foi de 37% no ano passado. Com tantos resultados promissores, a previsão para 2021 era de uma nova temporada de lucros. Só não contava, porém, com uma combinação inédita de fatores negativos no campo: uma longa estiagem nos primeiros meses do ano seguida por uma das geadas mais intensas da década, entre junho e agosto. A última delas, que baixou a temperatura para abaixo de zero em boa parte do estado, arruinou quase a totalidade (95%) do milho de Palotina. "Hoje, a gente olha para o que sobrou e sente vontade de chorar", confessa Eduardo Nishida, um dos produtores de milho da região. E esse sentimento se reproduziu de muitas formas em outras lavouras espalhadas pelo País.

Esse impacto climático foi ainda mais forte sobre os cafezais de Minas Gerais, São Paulo e do próprio Paraná, responsáveis por quase toda a produção nacional de café. Eles terão uma queda de 22% na colheita de 2021, segundo o Ministério da Agricultura. Só no Sul mineiro, uma extensão de 173 mil hectares de lavouras foi afetada, atingindo ao menos 10 mil produtores locais, como as fazendas de Fernando Caixeta, em Machado (MG). "Perdi 50% da minha safra e ainda nem acabou a seca", lamenta. A estiagem também atingiu outras culturas importantes do agronegócio brasileiro como a soja e o algodão, além da pecuária, que depende de grãos para alimentar os animais. Passada essa fase mais crítica, outra ameaça irrompe no horizonte: a crise hidrica.

QUEDA NOS NÚMEROS

As mudanças climáticas e a inevitável falta de água nos próximos meses ajudam a entender como o setor, um dos pilares da economia e principal motor da retomada pós-Covid, tropeçou. Embora as perspectivas sejam de recuperação, o tombo de agora não era esperado: foi o pior resultado na composição do PIB do segundo trimestre (-2,8%) e ajudou a

QUEIMADO Milho de cidades do Paraná foi bastante afetado por geadas recentes

"Além do aumento do dólar, há o temor da falta de água, já que as plantações brasileiras são irrigadas artificialmente"

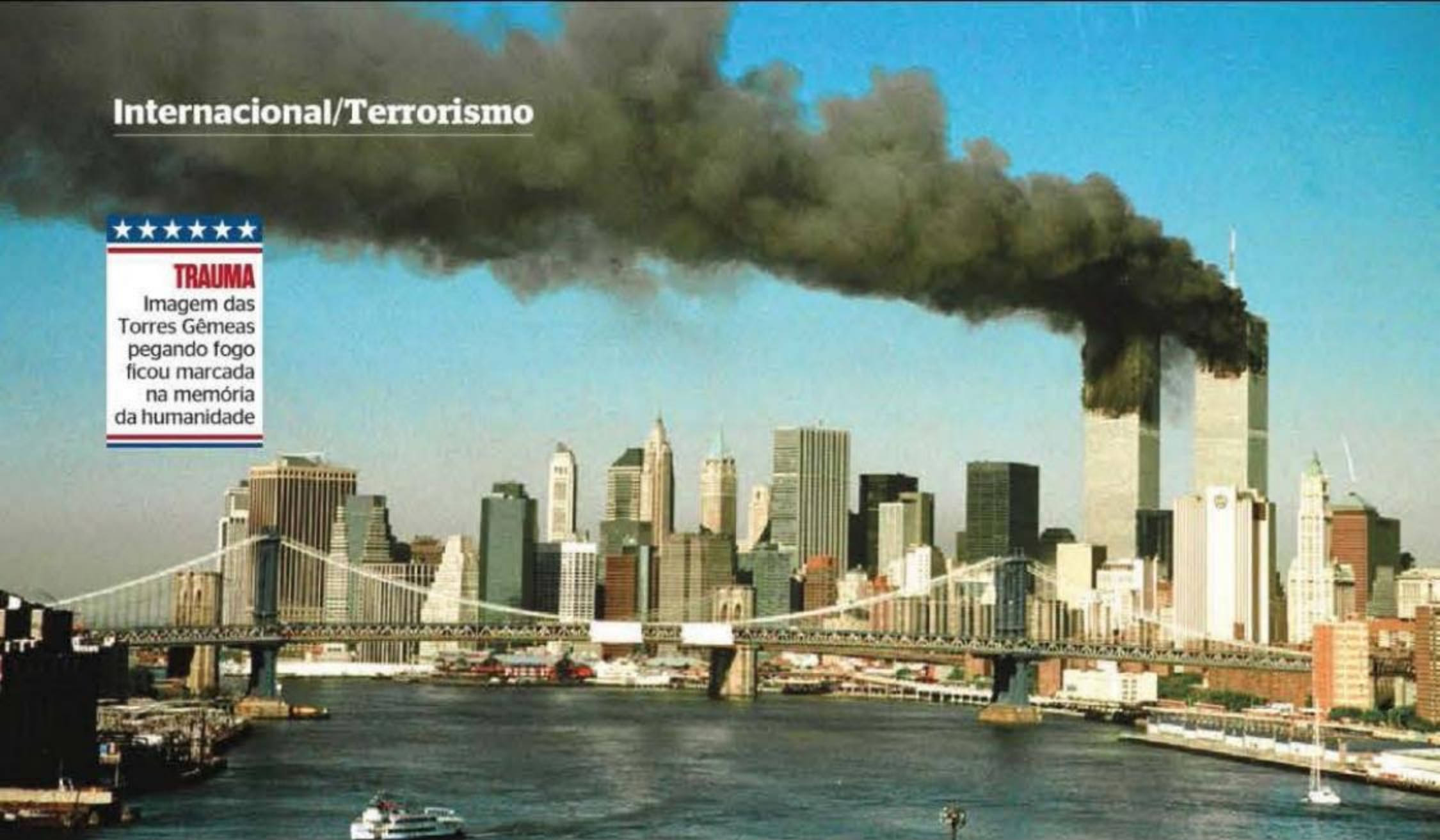
Alexandre Mori, especialista em agronegócio da Funcional

puxar para baixo as previsões de crescimento do Brasil em 2021, que hoje é de 5,15%, segundo o Banco Central. Foi a maior queda do agronegócio desde o primeiro trimestre de 2019, quando caiu 2,9%. Não à toa, no fim de agosto, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) diminuiu em 0,9 pontos percentuais a expectativa de crescimento do PIB Agro deste ano, de 2,6% para 1,7%. "Além do aumento do dólar, que impacta nos insumos de toda a cadeia, e da queima de muitas safras, há ainda o temor da falta de água, já que as plantações brasileiras são, em sua maioria, irrigadas artificialmente", explica Alexandre Mori, especialista em agronegócio da consultoria Funcional.

Em meio a esse cenário adverso, o governo já espera que a produção brasileira de grãos caia 1,2% na atual safra (2020/21) em relação à passada (2019/20) – mesmo com um aumento de 4% de área plantada no mesmo período – por causa das geadas e pelas incertezas com a crise dos reservatórios. "É um cenário que diminui exportações e ainda aumenta custos da produção de carnes, em um momento em que a pecuária patina no mercado interno, por exemplo", avalia Alfredo Lang, presidente da C.Vale.

O tombo do agronegócio brasileiro e as perspectivas pessimistas já atiçam o mercado internacional. Uma pesquisa da agência Reuters mostra que investidores esperam uma alta de 55% no preço do café até o fim do ano. Nos supermercados brasileiros espera-se que o valor do produto suba 40% ainda neste mês. Já a saca do milho está sendo vendida por um valor 72% maior no exterior desde o primeiro semestre do ano – alta semelhante à verificada internamente. Com isso, as expectativas são todas postas sobre o ano que vem. A torcida é, principalmente, pelas chuvas. "O sentimento é que as perdas poderão ser repostas no futuro e de que é hora de pensar em 2022", afirma Mori. ■

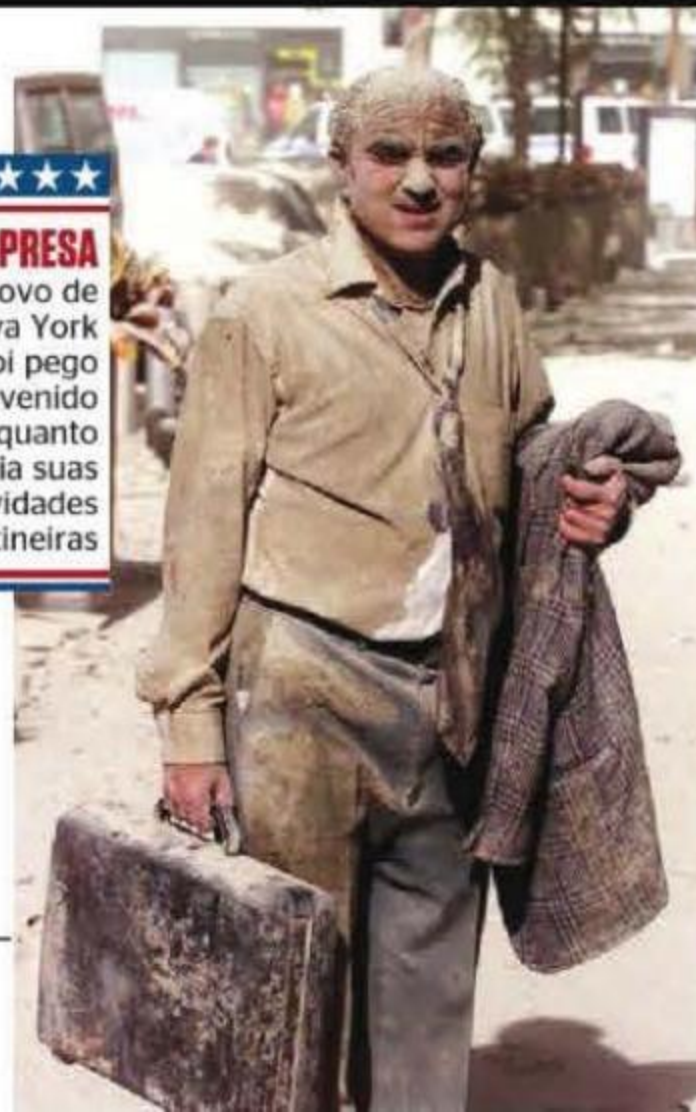
FOTOS: DIVULGAÇÃO/AEGRO; DIVULGAÇÃO

TRAUMA Imagem das Torres Gêmeas pegando fogo ficou marcada na memória da humanidade

O 11 DE SETEMB

ATENTADOS DE 2001, QUE ABALARAM O MUNDO, COMPLETAM DUAS DÉCADAS EM UM
EMBORA A AMEAÇA JIHADISTA TENHA DIMINUÍDO, NOS ESTADOS UNIDOS AS CICATRIZES

O 11 de setembro de 2001 ainda assusta, faz pensar em destruição e morte e lembra constantemente que o terrorismo continua sendo uma ameaça real. Não por coincidência, vinte anos depois dos atentados espetaculares e sangrentos que derrubaram as Torres Gêmeas do World Trade Center (WTC), em Nova York, atingiram o Pentágono, em Washington, e causaram a queda do voo 93 da United Airlines na Pensilvânia, o mundo não se livrou do trauma. A violência da rede terrorista Al-Qaeda permanece na memória coletiva da humanidade e renasce agora das sombras com a retirada das forças militares americanas do Afeganistão. Os ataques deixaram 2.996 pessoas mortas e marcaram a cidade de Nova York para sempre. Além disso, o mundo mudou com o fim da ilusão da invencibilidade dos Estados Unidos — o único ataque anterior em seu território que os americanos sofreram foi o bombardeio japonês em Pearl Harbor, na 2ª Guerra, que deixou cerca de 2 mil mortos.

SURPRESA O povo de Nova York foi pego desprevenido enquanto cumpria suas atividades rotineiras

FOTOS: BRAD RICKERBY JDP/REUTERS; SHANNON STAPLETON/REUTERS; PRESTON KERES/US NAVY/REUTERS/FOTOARENA

DESTRUIÇÃO
Nunca os EUA haviam sofrido um ataque tão mortífero em seu próprio território

RO AINDA ECOA

PLANETA POLITICAMENTE MAIS DIVIDIDO, PERIGOSO E CHEIO DE INCERTEZAS.
DE UMA DAS MAIORES TRAGÉDIAS DA HISTÓRIA AINDA SÃO EVIDENTES

André Lachini

SOFRIMENTO
Dos 5 mil bombeiros envolvidos nos resgates, mil têm doenças pulmonares

LUTO
Dos quase três mil mortos, 1647 foram identificados: tragédia sem fim

Em 2001, os EUA ainda eram a única superpotência mundial e não tinham a China como rival. Triunfantes com a vitória sobre a União Soviética em 1991, os americanos viviam a euforia do domínio global e exportavam o modelo do liberalismo econômico e da bonança dos anos 90, com a teoria de que a democracia seria o regime ideal de governo para todos. Sentiam-se indestrutíveis e não podiam imaginar que, a qualquer momento, sofreriam um ataque devastador de gente avessa ao regime democrático, como o executado por Osama Bin Laden. Os sinais de que o terrorismo poderia se manifestar, porém, já brotavam. A Al-Qaeda, cuja obsessão era atingir o WTC de Nova York, fez um atentado com carro-bomba na garagem dos edifícios em 1993.

"O atentado de 11 de Setembro foi tão gigantesco que nunca mais aconteceu outro da mesma magnitude. Os americanos fizeram um esforço enorme, com o gasto de trilhões de dólares e duas guerras, além do aumento de todo o aparato de Estado para combater o terror", comenta Felipe Loureiro, professor de Relações Internacionais na Universidade de São Paulo (USP). Como consequência do ataque, ele destaca que o governo americano, através do Ato Patriota, lei assinada por George Bush logo após os atentados, obteve um controle avassalador sobre as informações privadas dos cidadãos. O Ato Patriota expirou em 2015 e foi substituído pelo Ato da Liberdade de Obama. Os EUA também criaram o Departamento de Segurança Interna, aumentando a burocracia e controle das viagens. As regras para a aviação civil, aeroportos e o acesso a eventos públicos ficaram mais rigorosos. "A doutrina atual é combater o terror sem ter soldados nos locais onde estão os terroristas. Houve um avanço imenso na tecnologia que permite isto em 2021", diz Loureiro. Ele destaca que o terror, contudo, aumentou nos países periféricos, principalmente de maioria muçulmana. Hoje o mundo assiste a guerras no Iêmen e no próprio Afeganistão. O cientista político Hussein Kalout, da Universidade de Harvard, nota que o combate ao terror não é mais um ponto crucial na agenda externa americana. "A agenda internacional hoje se pauta em outros temas, como inteligência artificial e clima", diz. Segundo ele, os EUA estão mais protegidos que em 2001, pois têm um controle maior das fronteiras e rastreiam o dinheiro do terror.

Para lutar contra o terror, os EUA gastaram US$ 8 trilhões. Estima-se que 900 mil pessoas tenham morrido em conflitos na Ásia

Para centenas de milhões de pessoas que já eram adultas em 2001, as imagens do 11 de Setembro, transmitidas em tempo real pela televisão, ficaram na memória. Com o desabamento das torres, uma nuvem espessa de poeira tomou conta da parte baixa de Manhattan e da vizinha Chinatown. Uma gigantesca coluna de fumaça se elevou da ilha de Manhattan, sendo vista até da Estação Espacial Internacional. A poeira que invadiu as ruas era altamente tóxica, porque em parte formada por concreto e amianto pulverizados. Dos cinco mil bombeiros que participaram dos resgates, quase mil desenvolveram doenças

FOTOS: MARK HUMPHREY/AP PHOTO; WALI SABAWOON/AP PHOTO; DREW ANGERER/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES VIA AFP

RISCO Com a retomada do poder pelos talibãs, o Afeganistão volta para as trevas

respiratórias nos anos seguintes, além de outras moléstias como depressão e câncer. Até hoje muitas vítimas são desconhecidas. Na terça-feira, 7, a chefe de medicina forense de Nova York informou que mais dois mortos foram identificados através de testes de DNA. Até hoje 1647 vítimas tiveram as identidades confirmadas.

O brasileiro Fabiano Proa é um caso de nova-iorquino que presenciou três ataques ao World Trade Center – em 1993, 2001 e 2017. Em 11 de Setembro de 2001, ele tomava um café com um amigo fotógrafo no distrito financeiro, quando o primeiro avião atingiu a Torre Norte do WTC. "Saímos para a rua quando o segundo avião se chocou contra a Torre Sul. O pânico se instaurou, até porque não sabíamos se mais ataques estavam por vir", lembra. O ataque de 2017 ocorreu perto do Memorial Plaza e da torre atual, a Freedom Tower. Um terrorista uzbeque do Estado Islâmico jogou o caminhão que furtou contra turistas, perto do rio Hudson. Oito pessoas morreram. Em 2011, o presidente americano Barack Obama capturou e matou Osama Bin Laden em Abbottabad, no Paquistão. O grupo terrorista mais agressivo atualmente, contudo, é o Estado Islâmico (EI), que surgiu após a invasão americana do Iraque em 2003. A derrubada de Saddam Hussein abriu um vácuo de poder, preenchido nos anos seguintes pelos "jihadistas". "A partir de 2011, o EI foi alimentado também pela guerra civil na Síria. Em 2014, tomaram Mossul, segunda maior cidade do Iraque, e proclamaram o califado", diz Loureiro. Na época, Obama percebeu o risco e enviou milhares de soldados ao Iraque. Tropas iraquianas e curdas, treinadas pelos EUA, retomaram Mossul em 2017. O "califado" foi destruído, mas a organização continua ativa. No Afeganistão, o EI fundou seu grupo local, o EI-K.

DEFESA Joe Biden tem o desafio de impedir que aconteçam novos atentados no País

Para lutar a "Guerra ao terror" os EUA gastaram US$ 8 trilhões, estima estudo recente da Brown University. O levantamento calcula que as guerras deixaram 900 mil pessoas mortas, incluindo soldados americanos, militares aliados, inimigos e principalmente civis no Iraque, Afeganistão, Paquistão e Síria. Só no Afeganistão foram gastos US$ 2,3 trilhões. Outros US$ 2,1 trilhões foram gastos no Iraque e na Síria. O temor agora é que o EI ganhe força e protagonize uma nova era de medo. No sábado, 11, Biden visitará, com sua mulher Jill, os três locais atingidos pelos atentados de 2001. O que ele quer é "honrar e homenagear as vidas perdidas". E exibir mais uma vez as cicatrizes de uma das maiores tragédias da história, que ele espera que não se repita. ■

Cultura

DOCUMENTÁRIO **por Felipe Machado**

DERRADEIRA PROVA
Michael Schumacher: o destino como uma trama de Goethe

Veloz e furioso

Filme sobre Michael Schumacher mostra todas as facetas do heptacampeão mundial de Fórmula 1 — os recordes nas pistas, as brigas com adversários e a obstinação por vencer

A vida do alemão Michael Schumacher, um dos maiores pilotos de Fórmula 1 de todos os tempos, daria uma bela ópera. Nessa história, sucesso e tragédia se entrelaçam como em uma trama de Goethe: o protagonista, esse Fausto da velocidade, venceu todos os desafios e quebrou todos os recordes que um ser humano poderia almejar. O destino, no entanto, não lhe reservou um final à altura de seu enredo: desde 2013, o homem que rasgava as pistas a mais de 300km/h está imobilizado, em casa, preso a uma cama onde se recupera do acidente que interrompeu sua carreira.

Essa vida extraordinária inspirou o documentário "Schumacher", que estreia na Netflix em 15 de setembro. Dirigido por Vanessa Nöcker e produzido por Benjamin Seikel, o filme conta a improvável história de um garoto tímido, nascido em uma família simples, dona do restaurante que ficava em uma pista de kart, que se tornou um dos maiores ídolos da história de um esporte conhecido por privilegiar nomes de origens abastadas. Sua sede por vitórias não lhe permitiu seguir outro caminho.

"Schumacher" vai agradar a todos, mas principalmente aos fãs das corridas, pelas cenas históricas de duelos nas pistas e entrevistas com lendas do esporte, entre eles Jean Todt, Bernie Ecclestone, Mika Häkkinen, Damon Hill e Piero Ferrari. Trará saudade também para os admiradores de Ayrton Senna: o brasileiro foi o maior ídolo do colega alemão, mas também seu grande adversário. Basta lembrar que Schumacher venceu o GP de San Marino, em 1994, prova em que Senna sofreu o acidente fatal. O brasileiro, tricampeão da categoria, sofria a pressão do então jovem alemão, cada vez mais competitivo. Sem Senna em seu caminho, Schumacher imprimiu sua superioridade e sagrou-se sete vezes campeão — de 2000 a 2004, com sua lendária Ferrari, venceu cinco campeonatos seguidos.

Em 2018, no GP da Bélgica, teve de ser contido por sua equipe após partir para cima de David Coulthard: "você quer me matar?"

Autorizado pela família, o documentário traz entrevistas com a esposa, Corinna, e os filhos, Gina e Mick — que segue a carreira do pai e estreou esse ano na F-1. Schumacher é apresentado como um homem reservado e divertido, mas também capaz de arroubos impulsivos. Em 2018, no GP da Bélgica, teve de ser contido por sua equipe após partir para cima de David Coulthard após um acidente: "Você quer me matar?", esbravejava, furioso.

Segundo a diretora Vanessa Nöcker, selecionar cenas surpreendentes de um personagem tão conhecido do público foi o maior desafio: "Abusamos do esforço e da paciência para editar imagens de milhões de câmeras e trazer uma perspectiva nova para o público". Já o produtor Benjamin Seikel ressaltou o nível de detalhe da pesquisa técnica. "Tivemos uma preocupação especial com o som. Há fãs que conseguem distinguir os sons dos motores da Ferrari, de um ano para outro", afirma. Isso explica a longa produção: o filme demorou três anos e meio para ficar pronto.

RADICAL Um final improvável: piloto entrou em coma após acidente em estação de esqui na França, em 2013

O documentário revela a obsessão de Shumacher pela perfeição e controle desde a infância, quando o piloto já disputava provas de kart. Como não tinha dinheiro, pegava os pneus gastos do lixo e usava em seu carro — e vencia, mesmo com equipamento inferior. Após ganhar a Fórmula 3 na Alemanha, foi convidado pela Jordan para substituir um piloto belga que havia se metido em confusão. Apesar de disputar a corrida por uma equipe pequena, Schumacher ficou com o sétimo melhor tempo. Foi contratado por Flavio Briatore, da Benetton, em 1991. Três anos depois, venceria a McLaren, Ferrari e Williams para se tornar bicampeão do mundo.

Apesar de estar acostumado a praticar esportes radicais, como o paraquedismo, foi o esqui, atividade na qual também era um expert, que lhe trouxe a tragédia. De férias em um resort na França, bateu a cabeça em uma pedra e entrou em coma. Um final inesperado para um homem obstinado por controlar tudo a sua volta. ■

DISPUTA Senna e Schumacher: de ídolo, o brasileiro se tornou o seu maior adversário

FOTOS: PAUL-HENRI CAHIER/GETTY IMAGES; SUTTON MOTORSPORTS/ZUMAPRESS/EFE; ERCOLE COLOMBO/DPPI MEDIA

Se fosse possível decifrar os segredos do cérebro humano, os cientistas encontrariam nos neurônios do escritor J.R.R. Tolkien algumas das descobertas mais fascinantes da raça humana. O sul-africano de origem britânica não escreveu apenas personagens e tramas interessantes: ele criou um amplo universo, com seres imaginários, idiomas próprios e até uma geografia particular. Inspirado por mitologia e pelas obras de Júlio Verne e E.R. Eddison, Tolkien tornou-se o "pai da literatura fantástica moderna".

Professor de literatura em Oxford, na Inglaterra, John Ronald Reuel Tolkien ganhou fama mundial com "O Hobbit" (1937) e a trilogia "Senhor dos Anéis", finalizada em 1955. Junto com os poemas de "Silmarillion", obra póstuma publicada em 1977, esses livros compõem o eixo principal de sua obra. E ela vai bem além dos limites humanos: eram alocadas na Terra-Média, um mundo criado por Tolkien onde a química, a biologia e até o tempo funcionam de forma diferente. A descrição dessas regras é a base para "A Natureza da Terra-Média". O livro inédito editado pelo estudioso Carl F. Hostetter levou 25 anos para ser finalizado. Demorou tanto que o próprio filho de Tolkien, Christopher, responsável por aprovar a obra póstuma do pai, morreu antes do lançamento, em 2020.

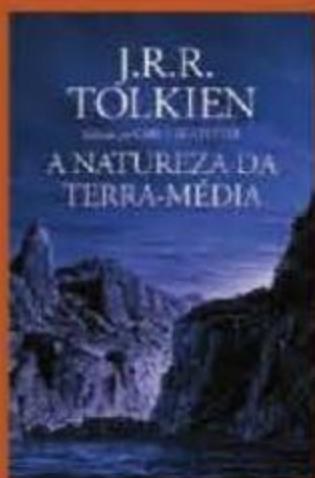
O livro é interessante para os fãs do Tolkien, mas também para leitores interessados no processo criativo do autor. Ele não se contentava apenas em contar histórias em inglês: criou os alfabetos "Angerthas" e "Cirty", além de idiomas completos. Os anões de "O Hobbit", por exemplo, falam Khuzdul, mistura de hebraico e línguas do Oriente Médio; há personagens que se comunicam em Quenya, algo entre o finlandês e o português; outros se expressam em Sindarin, baseado no galês. Além do valor literário, "A Natureza da Terra-Média" é importante por contextualizar um dos universos mais ricos da ficção mundial: trata-se de um manual para a mitologia de Tolkien. Embora não seja uma obra para iniciantes, sua riqueza de detalhes comprova a criatividade do escritor e seu talento para conceber realidades paralelas onde antes havia apenas papel em branco.

RETORNO DO REI
Cenas da nova série "O Senhor dos Anéis", na Amazon: Robert Aramayo e Joseph Mowle, de "Game of Thrones", estarão na trama

A história pessoal de Tolkien diz muito sobre o mundo que ele criou. Por ter lutado na Primeira Guerra Mundial e ter visto os filhos se alistando na Segunda Guerra, a temática militar é a base de todo o seu universo. É permeada ainda pela eterno duelo do bem contra o mal, com episódios que valorizam a amizade e a honra entre seus clãs e guerreiros. Não é à toa que a riqueza de detalhes desses relatos tem motivado tantas e tão bem sucedidas adaptações para o cinema e a TV.

"A Natureza da Terra-Média" traz material inédito escrito entre 1959 e 1973 e responde a algumas das dúvidas levantadas há anos por estudiosos. Os interessados nessas questões não são poucos: os livros de Tolkien venderam mais de 150 milhões de cópias e foram traduzidos para 40 idiomas. Com as informações contidas em "A Natureza da Terra Média", seus fãs poderão ampliar esse número, formulando novas traduções para alguns dos diversos idiomas criados pelo Senhor dos Anéis. ■

O CRIADOR DE

LANÇAMENTO

"A Natureza da Terra-Média"
J.R.R. Tolkien
Harper Collins
Preço: R$ 45

AMPLO SABER J.R.R. Tolkien: paixão pela mitologia e a filologia

MUNDOS

O inédito "A Natureza da Terra-Média" é um manual para a compreensão dos universos de **J.R.R. Tolkien**, mas vai muito além ao desvendar o complexo processo criativo do autor de **"O Senhor dos Anéis"**

Felipe Machado

FOTOS: REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

por Felipe Machado

PERSONAGEM Jennifer Hudson como Aretha Franklin: atuação digna de Oscar

CINEMA

Aretha Franklin merece "Respect"

Chega às telas o filme baseado na vida de uma das maiores cantoras da história, a "rainha da soul music" americana

Aretha Franklin merece respeito: a garota prodígio nascida em Memphis, no Tennessee, cantou nos dois momentos mais importantes da história da cultura negra nos EUA: em 1968, ela se apresentou no funeral de Martin Luther King, ativista e amigo de sua família; em 2009, brilhou na posse do presidente Barack Obama. Sua vida, no entanto, não se compõe apenas de acontecimentos históricos e brilhantes, e pode ser vista agora em "Respect", cinebiografia que chega às telas. A narrativa em ordem cronológica não traz grandes novidades: a carreira da "rainha da soul music" começa ainda na infância, quando a garota já atraía a atenção cantando nos cultos do pai, o pastor Clarence Franklin (papel de Forest Whitaker). Bem mais tarde, como artista consagrada, ela voltaria à mesma igreja para gravar um álbum gospel. Apesar de a decisão contrariar a vontade de seus empresários:, "Amazing Grace" tornou-se o maior sucesso de sua carreira. Impossível não destacar a performance da atriz e cantora Jennifer Hudson como protagonista, atuação que certamente lhe dará uma indicação ao Oscar em 2022. O filme é a estreia nas telas da sul-africana Liesl Tommy – outra pioneira das artes, ela foi a primeira mulher negra a vencer, em 2017, o Tony Award, a maior premiação do teatro.

Clássicos e raridades

Quem assistir a "Respect" sairá do cinema ávido por ouvir as canções originais de Aretha Franklin. Uma boa opção é o box "Aretha" *(foto)*, lançamento que traz 81 faixas remasterizadas e um repertório que engloba seus 60 anos de carreira. A coleção traz 19 versões alternativas de clássicos, demos, raridades e uma versão inédita de "You Light up my Life". Há ainda apresentações feitas para a TV, incluindo duetos com Tom Jones ("It's Not Unusual"), Smokey Robinson ("Ooo Baby Baby") e Dionne Warwick ("I Say A Little Prayer"). O maior tesouro, no entanto, é uma performance ao vivo de "Nessun Dorma", da ópera "Turandot", de Puccini.

PARA LER

Ao mesmo tempo em que conecta bilhões de pessoas, o Facebook tem sido criticado por não coibir discursos de ódio. Em **"Uma Verdade Incômoda"**, Sheera Frenkel e Cecilia Kang expõem os bastidores da empresa.

PARA VER

Estreia no canal Prime Box a série **"Tribos & Impérios"**, a mais ambiciosa produção chinesa da história. É ambientada em Novoland, universo habitado por divindades da literatura. Seus 75 episódios foram filmados em dois anos e contaram com um elenco de cinco mil atores.

PARA OUVIR

Os fãs do Radiohead ficaram surpresos com o anúncio de "Kid Amnesiae", álbum com raridades de "Kid A" e "Amnesiac". O novo single é a inédita "If You Say the Word".

FOTOS: DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO

por Mentor Neto

Escritor e cronista

UM NOVO BORDÃO, PARA UM NOVO BRASIL

O futuro econômico e social do País não será nada fácil.

Não bastasse a tragédia causada pela Covid-19, que nos levou mais de 600 mil brasileiros, ainda temos pela frente uma das mais devastadoras crises na economia das últimas décadas. Seus efeitos ainda se farão sentir por muitos meses.

Na Educação, teremos que lidar com uma geração de pequenos brasileiros obrigados a assistir aulas on-line, com uma performance comprovadamente abaixo da esperada nas aulas presenciais.

Ainda na saúde, teremos que enfrentar as sequelas da Covid entre aqueles que tiveram a sorte de sobreviver.

Ou seja, o futuro do País não será fácil.

E como todos sabem, nas crises não há nada melhor do que um belo bordão, para unir a Nação.

Um bordão apela para os sentimentos mais viscerais de um povo, sem necessariamente ter qualquer relação com a realidade.

Se você duvida, pense no "Ordem e Progresso" da nossa bandeira.

Não me ocorre frase que tenha menos relação com o Brasil e o brasileiro do que essa. No entanto está lá, em nosso símbolo maior, nos enchendo de orgulho quando tremula ao vento, como se fossemos realmente ordeiros e progressistas.

Ao longo de nossa história tivemos dezenas deles.

Boa parte completamente desconectados de nosso cotidiano, mas que serviram ao que se propõe: nublar a realidade e nos ajudar a superar dificuldades com alguma altivez.

Vejamos outro deles, esse da década de 50: "O petróleo é nosso"

Só seria verdadeiro, até hoje, se completássemos com "E o preço é deles", mas o que importa não é a veracidade e sim o imaginário onde atua o bordão e a união que surge entre a população, mesmo quando acabam por ironizar a frase em questão.

É o caso de "Brasil, ame-o ou deixe-o", o bordão cunhado pelo ultranacionalismo da ditadura dos anos 70.

A resposta veio instantânea, pelos setores mais bem humorados da resistência: "O último a sair apague a luz".

Natural, afinal sempre existiu, misturado ao nosso patriotismo, esse lado anti-herói.

É esperado que, por aqui, o ufanismo esteja sempre misturado a certa ironia.

Nossos heróis, sempre macunaímicos, são infames mais do que invencíveis.

Menos os militares.

Estes, por obrigação de ofício, precisam se levar a sério.

Têm o dever de transmitir segurança e infalibilidade à população.

Para seu azar, com seus parcos recursos, não enganam ninguém e o resultado aparece em situações como o medíocre desfile de blindados queimando óleo do mês passado.

Não satisfeito, o governo Bolsonaro expôs outro lado ainda mais triste deste estado de coisas: a limitação intelectual de parte do oficialato nacional.

Bolsonaro escolheu a dedo os militares que o cercam.

E como nenhum pode ser mais brilhante do que o mandatário, deu no que deu.

Uma frase de efeito é o primeiro passo para sairmos da crise em que nos metemos

Assim, chegamos a essa grave situação.

Um País em crise, desacreditado interna e externamente.

Precisamos de um bordão com urgência.

Um bordão que resgate nosso amor próprio e eleve nossos valores, recolocando as Forças Armadas em um lugar de destaque.

Para isso, é fundamental que o governo Bolsonaro deixe de lado esse seu slogan de campanha que não quer dizer nada.

Esse do acima de tudo, em cima de sei lá o que.

Precisamos de um bordão de verdade.

Sugiro um concurso nacional em uma votação aos moldes da Sapucaí.

Um simples evento que já faria maravilhas pela autoestima nacional.

Já pensou? Kleber Machado narrando, ao vivo, as notas de cada finalista?

Vamos exigir ao menos isso deste governo.

E deixo aqui minha humilde sugestão, combinando a diversidade natural, a sustentabilidade com o poderio das Forças Armadas:

"Brasil. Onde o verde é que manda."

Fica a dica.